

VINÍCIUS PENA E SILVA

MANOBRAS DE SEDUÇÃO:

Estratégias para viver e amar na Idade Média – Séc. X ao XIV.

Monografia apresentada ao curso de graduação em História do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em história.

Orientador: Prof. Dr. José D'Assunção de Barros

Nova Iguaçu

2014

VINÍCIUS PENA E SILVA

**MANOBRAS DE SEDUÇÃO:**

Estratégias para viver e amar na Idade Média – Séc. X ao XIV.

Monografia apresentada ao curso de graduação em História do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em história.

Banca examinadora

---

Orientador: Prof. Dr. José D' Assunção de Barros

UFRRJ

---

Prof. Marcelo Santiago Berriel

UFRRJ

---

Prof. Bruno Uchoa Borgongino

UFRRJ

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus pais. Não faço isso por obrigação, mas por que, de fato, sem a estrutura física e emocional que eles me proporcionaram eu jamais teria a chance de chegar onde me encontro hoje ou de ir além. Por isso agradeço muito a eles, em especial minha mãe que sempre me incentivou e inspirou.

Em segundo lugar, agradeço a professora Raquel Alvitos. Sem o seu apoio estas páginas teriam levado muito mais tempo para serem escritas. Obrigado por apoiar minhas ideias, mesmo sem concordar muito, e por acreditar na minha capacidade.

Ao professor José D'Assunção, que orientou este trabalho quando a professora Raquel não pode mais, e que sempre tinha uma indicação nova de leitura a fazer, o que auxiliou muito no enriquecimento da obra.

Por último, mas de forma alguma menos importantes, agradeço aos meus amigos, Bruno, Aline, Louise, Ariane, Beatrice, Carlos, Vitor, Manoel, Guilherme, Daniel, Leandro, Rodrigo, Jair, Ítalo e todos os outros que sempre estiveram e estarão presentes em minha vida, me ajudando a ser quem sou. Muito Obrigado a todos.

SILVA, Vinícius Pena e. *Manobras de sedução: Estratégias para viver e amar na Idade Média – Séc. X – XIV*. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Nova Iguaçu. 2014.

## RESUMO

Este trabalho busca mostrar como diferentes conceitos de amor, contidos na literatura do amor cortês, foram usados, ao longo da Idade Média, como estratégias de sedução. Assim como busca apontar para a existência de uma natureza humana, muitas vezes deixada de lado pela história, e cuja existência independe das transformações tecnológicas, sociais e econômicas dos últimos milênios. As emoções, como o amor, fazem parte dessa natureza e a maneira como percebemos e lidamos com as emoções é que muda, de acordo com o lugar e o tempo.

**Palavras-chave:** Sedução, amor, estratégia, emoção, Idade Média, amor cortês, cortesia, evolução.

SILVA, Vinícius Pena e. *Seductions Maneuvers: Strategies to live and love in the middle age – X to XIV century*. Monograph (Degree in History). Rural Federal University of Rio de Janeiro. Nova Iguaçu. 2014.

### **ABSTRACT**

This work aims to show how different concepts of love, contained on the literature of courtly love, were used, throughout the middle ages, as seduction's strategies. As well as point to the existence of a human nature, often sidelined by History, and whose existence is independent of the technological, social, economic and political transformations from the last millennia. Emotions, like love, are part of that nature and the way we perceive and deal with emotions is that changes according to the time and place.

Key-words: Seduction, love, strategy, emotion, middle age, courtly love, courtesy, evolution.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
1 DE PRIMATA À CAVALEIRO.....	04
1 Psicologia evolutiva.....	04
2 Novas exigências, novas estratégias.....	09
3 Vida no Pleistoceno.....	11
4 Um contexto diferente.....	15
5 A sociedade Feudal.....	16
1 Clérigos.....	18
2 Guerreiros.....	19
3 Camponeses.....	20
2 O QUE É O AMOR?.....	22
1 O casamento.....	22
2 Amor e paixão.....	26
3 Amor cortês, <i>fine amour</i> , amor delicado.....	31
3 ESTRATÉGIAS PARA AMAR E PARA ATRAIR O AMOR.....	35
1 Sedução.....	35
2 Tratado do amor cortês.....	37
4 OUTROS TRATADOS E PALAVRAS FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	52
FONTES.....	54

## INTRODUÇÃO

Ao analisar o conceito de História como disciplina, um dos conceitos que Ciro Flamarion nos traz, seguindo o pensamento de Marc Bloch, é o da História “como o estudo científico das sociedades humanas no tempo”<sup>1</sup>. Existe, no entanto, uma limitação deste “tempo” ao qual o autor se refere. Essa limitação ou recorte é passível de ser notado quando, por exemplo, observamos que não apenas nas escolas, mas também nas universidades, começamos a estudar a história ainda segundo o marco da escrita. Limitamos o campo da História a estudos que não vão muito além de 4.000 a.C.

A ausência da escrita e, portanto, de fontes escritas pode ser, de fato, um limitador da pesquisa histórica, mas não deve intimidá-la. As sociedades humanas não são apenas registros escritos, não são apenas documentos. Muito menos estão suas relações restritas a questões econômicas ou políticas exclusivamente. E a existência humana vai muito além dos últimos 10.000 anos, sendo necessário que o campo temporal da história também vá além.

Outro ponto é o “das sociedades humanas”. As sociedades humanas são compostas por seres humanos, por *Homo Sapiens*. Algo que o *Homo Sapiens* parece esquecer é que ele é apenas mais uma espécie animal. Estudamos os diversos aspectos de nossas vidas, mas muitas vezes esquecemos que nossa biologia e genética também têm influência sobre nosso comportamento social e, em consequência, sobre a sociedade.

Se a História, como ciência, pretende estudar as sociedades humanas através do tempo, ela não pode desconsiderar as ações humanas anteriores a qualquer fonte escrita. O ser humano não surgiu do nada, ele é fruto de milhões de anos de adaptação e reprodução de outras espécies, seres diferentes do que somos hoje. A História não deve desprezar esse período de evolução. Um período que construiu o ser humano atual tal qual ele é. As principais características humanas, aquelas que nos tornam uma espécie única, se formaram durante esse período que a História não tem o hábito de trabalhar, delegando esse estudo para a biologia, antropologia e outras áreas.

Neste trabalho pretende-se analisar um fator da vida humana existente em todos os tempos e em todas as sociedades. Um aspecto comum à vida de todos os seres humanos e que, talvez, tenha feito de nós o que somos, a sedução. Não se quer, de forma alguma, analisar este fator em todas as suas formas, lugares e tempos. Para este trabalho escolhemos um momento específico e uma região, o ocidente europeu dos séculos X ao XIV.

---

1 CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Uma Introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 27.

No que diz respeito à sedução é este o período que, talvez, tenha transformado mais o modo de pensar de homens e mulheres sobre a própria sedução e sobre as emoções, sentimentos e conceitos que a envolvem, como o amor e a paixão. E as ideias surgidas neste período aparecem ainda hoje na literatura, no cinema, na televisão, nas revistas e no cotidiano de forma geral.

Através da leitura das fontes, do trabalho de outros historiadores e suas pesquisas sobre o amor cortês, fenômeno literário do período analisado, busca-se compreender as transformações no conceito de amor e nas relações que ocorreram em paralelo, de forma integrada com transformações econômicas e políticas do período, não sendo nenhuma transformação resultado ou origem da outra, mas sim fenômenos integrados e dependentes que não existiriam ou se desenvolveriam tal como são sem um ao outro.

Considerando que as emoções e o sexo são parte integrante do ser humano e que influenciam sua vida e suas relações de forma geral, o primeiro capítulo desta monografia tratará de estabelecer os pressupostos para defesa dessa consideração. Este capítulo é dedicado, principalmente, à psicologia evolutiva, uma visão de mundo perfeitamente aplicável a qualquer ciência que procura analisar a mente humana, tanto isoladamente como em interação umas com as outras.

Através do estudo da evolução humana buscamos verificar como nossos antepassados se relacionavam sexualmente, que tipo de emoções estavam envolvidas nesse processo e se existia e qual seria o padrão (ou os padrões) dos relacionamentos entre homens e mulheres. Será que herdamos esse padrão? Até que ponto a genética influenciaria nossas relações amorosas?

Além dos conceitos derivados da psicologia evolutiva, neste começo do trabalho, também vemos os principais elementos constituidores da sociedade feudal. Sua economia, seus mecanismos políticos e o quadro mental que a mantém estável. Principalmente, vemos a diferença do mundo medieval em relação ao período da revolução cognitiva que fez a mente humana ser o que é hoje.

No segundo capítulo damos atenção especial aos relacionamentos no período medieval. Mostra-se como eram as relações afetivas e como as pessoas são forçadamente convencidas que o padrão de relacionamento certo é aquele estabelecido pela igreja, o casamento monogâmico e indissolúvel, onde não há espaço para as emoções sexuais.

Neste segundo capítulo tenta-se mostrar onde as relações sexuais tinham espaço e onde a emoção relativa ao sexo era vivida de forma plena, como o corpo se transforma em



instinto, em paixão, em pecado, e como a mente se transforma em razão e em espírito que comanda o corpo para trabalhar a favor de Deus.

Vemos ainda como as relações políticas e econômicas podiam ser determinantes nos relacionamentos. Porém, como tentamos demonstrar, não era o fator único. Por mais que fatores políticos e econômicos tentem dominar as relações sexuais, o emocional relativo a elas sempre estará presente, podendo ser no mínimo um fator gerador de conflitos, tanto sociais e políticos quanto emocionais.

Durante o primeiro e o segundo capítulo, todas as análises são baseadas em estudiosos atuais da Idade Média e da psicologia. A partir do terceiro capítulo, contudo, passamos a usar as conclusões e conceitos obtidos nos dois primeiros para analisar nossa fonte principal. O *Tratado do Amor Cortês* de André Capelão, escrito no século XII e onde podemos ver muito dos conflitos sociais, políticos, sexuais e emocionais que, possivelmente, cercavam a vida do homem medieval.

O último capítulo mostrará outros manuais de sedução anteriores ao de nossa fonte e atuais, evidenciando que o sexo e as emoções que ele engendra sempre fizeram parte dos questionamentos humanos e que sempre foram buscados. Provavelmente, muito do que se faz e se obtém na sociedade, ainda hoje, só é realizado com vistas ao sexo e ao amor, ainda que não saibamos disso, como pretendemos mostrar. Juntamente a essas reflexões tem espaço as considerações finais ao trabalho.

## DE PRIMATA À CAVALEIRO

### PSICOLOGIA EVOLUTIVA

A psicologia evolutiva surgiu na década de 1990 com os trabalhos de John Tooby e Leda Cosmides, ambos alunos da Universidade de Harvard, e seu objetivo primordial é a compreensão da mente humana. Nas palavras dos próprios Tooby e Cosmides:

“A meta da pesquisa em psicologia evolutiva é descobrir e entender o projeto da mente humana. Psicologia evolutiva é uma abordagem da psicologia, na qual o conhecimento e princípios da biologia evolutiva são colocados em uso na pesquisa da estrutura da mente humana. Não é uma área de estudo, como visão, argumentação ou comportamento social. É uma forma de pensar sobre psicologia que pode ser aplicada a qualquer tópico ao seu alcance.”<sup>2</sup>

Segundo Steven Pinker esta forma de pensar que é a psicologia evolutiva seria o resultado do encontro entre duas revoluções nos meios acadêmicos.

“a revolução cognitiva das décadas de 1950 e 1960, que explica a mecânica do pensamento humano e emoção em termos de informação e computação. A outra é a revolução na biologia evolucionista das décadas de 1960 e 1970, que explica o complexo design adaptativo dos seres vivos em termos de seleção entre replicadores.”<sup>3</sup>

Em 1958, com os trabalhos do linguista Noam Chomsky, ressurgiu o princípio do funcionalismo.

“o linguista afirma que era impossível que uma criança – dado o pouco tempo de vida e a complexidade do arranjo – aprendesse as regras inatas na linguagem, como defendido pelo behaviorismo. Chomsky apresentou exemplos onde criticava a posição comportamentalista e tentava provar que a mente da criança deveria ter as regras inatas, através das quais o vocabulário da linguagem é fixado.”<sup>4</sup>

A mente possui, segundo esse princípio, a partir do momento que o cérebro se forma, todas as regras, normas e princípios que governarão o aprendizado. Cada órgão do corpo possui uma função e assim é também com o cérebro. Ele tem a função de receber e processar

---

<sup>2</sup>[The goal of research in evolutionary psychology is to discover and understand the design of the human mind. Evolutionary psychology is an *approach* to psychology, in which knowledge and principles from evolutionary biology are put to use in research on the structure of the human mind. It is not an area of study, like vision, reasoning, or social behavior. It is a *way of thinking* about psychology that can be applied to any topic within it.] COSMIDES, Leda. & TOOBY, John. *Evolutionary Psychology: A Primer*. Center for evolutionary psychology. Disponível em: <<http://www.cep.ucsb.edu/primer.html>> Acessado em 18 de jan. de 2014

<sup>3</sup>PINKER, Steven. *Como a mente funciona*. São Paulo. Companhia das letras, 1998. p. 34.

<sup>4</sup>ROSE, Ricardo Ernesto. *A psicologia evolutiva*. 2010. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/a-psicologia-evolutiva>> Acessado em 18 de jan. de 2014.

as informações e, a partir delas, produzir respostas às informações recebidas ou até mesmo criar novas informações, sempre de maneira que as respostas sejam apropriadas ao ambiente.

Essa capacidade de processar e produzir informação do ser humano cumprem um objetivo maior que é preservar a existência do indivíduo, ou seja, garantir sua sobrevivência. Se ele não tivesse essa capacidade de ler o mundo ao seu redor através de seus sentidos e identificar um perigo, sua sobrevivência não seria muito longa. Existem, portanto, determinadas capacidades inatas aos ser humano.

Essa capacidade de processamento, junto com outras inúmeras características do homem, teria surgido através de um longo processo de seleção natural. Os indivíduos que não conseguiam processar a informação a recebiam de forma incompleta e/ou não produziam resposta apropriada as situações nas quais se encontravam acabavam sendo eliminados ou não conseguiam se reproduzir.

A seleção natural é a seleção feita pela própria natureza sobre os seres vivos. Os mais aptos, ou seja, aqueles que possuem as características mais adequadas para garantir a sobrevivência do indivíduo dentro de determinado meio são os que sobrevivem.

Já a seleção sexual é a seleção feita pelos próprios indivíduos ao escolherem seus parceiros sexuais. Os indivíduos mais atraentes conseguem reproduzir mais. Quanto maior a taxa de sobrevivência e reprodução do indivíduo, maiores são as chances de que as características deste se disseminem dentro de uma população, dando origem a indivíduos com características similares às suas, ou seja, com chances boas e numerosas de sobreviver e reproduzir.

A simples ampliação da capacidade de sobrevivência e reprodução não explica, porém, como o ser humano teria desenvolvido sua capacidade de processamento de informações ao ponto de, a partir dela, criar ações tão complexas, como falar, cantar, produzir arte e música, construir prédios, desenvolver computadores, voar com o uso de máquinas, refletir sobre a vida, o universo e tudo mais. Afinal existem muitos outros animais que não necessitaram desenvolver tamanha inteligência para sobreviver e reproduzir.

Eles desenvolveram, contudo, outras capacidades, outros órgãos complexos que não o cérebro, para auxiliá-los a sobreviver e reproduzir. Uma questão de escolha, como aponta Steven Pinker. Claro que não é uma escolha consciente do indivíduo, mas ainda assim é uma escolha. Desenvolver um órgão complexo é extremamente custoso para um organismo. Desenvolver um cérebro, uma tromba, uma cauda ou qualquer outro órgão demanda um gasto energético equivalente à importância desse órgão para a garantia de sobrevivência e reprodução do indivíduo.

Qualquer outro ser vivo poderia ter desenvolvido uma inteligência similar ou igual à humana, mas isso dependeria das condições, não apenas genéticas, mas, principalmente, ambientais nas quais o indivíduo se encontrasse. É a partir dessas condições que a escolha pelo desenvolvimento de uma área em detrimento de outras ocorre. O homem “escolheu” desenvolver o cérebro.

A inteligência humana, segundo Steven Pinker em *Como a mente funciona*, “é a capacidade de atingir objetivos diante de obstáculos, por meio de decisões baseadas em regras racionais.”<sup>5</sup> Ou seja, a mente se desenvolveu de forma adaptativa para resolver problemas. Humor, filosofia, religião, arte, moralidade, são efeitos colaterais do desenvolvimento de outras capacidades humanas voltadas para a resolução lógica de problemas.

O desenvolvimento da inteligência humana, responsável maior por nosso tipo de comportamento, não ocorreu, contudo, de uma hora pra outra. A seleção natural, que deu origem ao cérebro humano tal qual o vemos hoje, trabalhou durante milhões de anos sobre nossos ancestrais para que alcançássemos o nível atual de intelecto. Nossa mente é uma adaptação gerada por um processo de seleção natural.

Baseado no que foi visto até agora sobre a seleção natural e o conceito da mente e inteligência humana. A psicologia evolutiva possui três pressupostos básicos:

“O primeiro é o postulado de que existe, sim, uma natureza humana universal; mas essa universalidade ocorre primariamente no nível de mecanismos psicológicos desenvolvidos e não da expressão de comportamentos culturais. Em segundo lugar, vem o postulado de que os mecanismos psicológicos que guiam o comportamento são adaptações, moldadas pela seleção natural ao longo do tempo evolutivo. Finalmente, a Psicologia Evolucionista defende que a organização da mente humana é adequada para o modo de vida de caçadores coletores do Pleistoceno (entre, aproximadamente, dois milhões a doze mil anos), e não necessariamente às circunstâncias modernas.”<sup>6</sup>

O terceiro, que ainda não havia sido comentado diretamente, relaciona-se com o tempo, o lugar e as condições onde os ancestrais do homem desenvolveram seus cérebros avantajados, sua capacidade comunicativa, sua inventividade e criatividade.

“Foi reconhecido amplamente que um modo de vida de caça e coleta pode ser muito mais variado e estimulante do que o cultivo de pequena escala que ocupou a maioria dos seres humanos nos últimos 10 mil anos. Ele requer conhecimentos muito mais ampliados, maior adequação física e mais vivacidade mental. Além do

---

5 PINKER, Steven. Op. Cit. p. 73.

6 LORDELO, Eulina Rocha. *A Psicologia Evolucionista e o conceito de cultura*. Estudos de Psicologia, 15(1), Janeiro-Abril/2010. P.57. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v15n1/08.pdf>> Acessado em 18 de jan. de 2014.

mais, proporciona muito mais lazer. Vinte horas significam uma longa semana de trabalho para um caçador coletor. Com frequência dez seriam suficientes. E o lazer é sempre desfrutado em sociedade, em companhia do grupo, no planejamento do futuro imediato e no treinamento dos mais jovens. (...) as pessoas desse período gozavam de melhores condições de saúde, de uma dieta mais equilibrada e de mais lazer do que a maioria das pessoas das populações agrícolas de hoje.”<sup>7</sup>

As florestas e savanas Africanas de dois milhões de anos atrás deram aos nossos ancestrais as condições para desenvolver seus cérebros e, em consequência, os mecanismos psicológicos que guiam nosso comportamento, incluindo o comportamento sexual.

Segundo o psicólogo evolutivo Geoffrey F. Miller a capacidade criativa humana se desenvolveu de forma a favorecer a atração sexual. Nossa capacidade para falar, pintar, cantar, filosofar e toda uma série de atividades criativas complexas teria surgido como um ornamento sexual, ou seja, uma nova maneira de atrair um parceiro sexual e, assim, garantir a reprodução.

“nossas mentes evoluíram não apenas como máquinas de sobrevivência, mas também como máquinas de sedução. Cada um de nossos ancestrais conseguiu não apenas viver por algum tempo, mas também convencer ao menos um parceiro a manter relações sexuais suficientes para produzir filhos.”<sup>8</sup>

Tanto Pinker quanto Miller baseiam-se nos pressupostos da psicologia evolutiva de Cosmides e Tooby e encaram a mente como conjunto de adaptações voltados para o processamento de informação, resolução e resposta de problemas e tomada de decisões baseada em cálculos estatísticos.

A grande diferença é que as funções psicológicas mais elaboradas responsáveis por criar certas emoções, por nos dar a capacidade de produzir e/ou apreciar a arte, por nos fazer pensar sobre a vida e o universo, seriam na concepção de Steven Pinker efeitos colaterais de nosso raciocínio lógico. Apreciar música, admirar uma pintura, apreciar o bom humor, se divertir assistindo um esporte. Não teria nenhum sentido ou função. A ênfase dada pelo autor está apenas na seleção natural e nas capacidades que ela moldou para auxiliar na sobrevivência e nos cuidados com a prole.

Geoffrey Miller resgata a importância da seleção sexual, a capacidade de escolha que o ser humano possui acerca de quem se relacionar sexualmente. Ele visualiza a mente como um conjunto de adaptações psicológicas para a sedução, ou seja, para a atração sexual de um

<sup>7</sup> OLIVER, Roland. *A experiência africana: da pré-história aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p.24.

<sup>8</sup> MILLER, Geoffrey F. *A mente seletiva: como a escolha sexual influenciou a evolução da natureza humana*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000. p. 13

parceiro. O cérebro do ser humano seria como a cauda do pavão, um ornamento sexual usado para atrair a fêmea.

“A ‘teoria do cérebro saudável’ sugere que nossos cérebros são diferentes daqueles de outros macacos não porque cérebros extravagantemente grandes ajudaram-nos a sobreviver e ou a criar os filhos, mas porque esses cérebros são simplesmente melhores anúncios do quanto nossos genes são bons. Quanto mais complicado o cérebro mais fácil é arruiná-lo. A grande complexidade do cérebro humano torna-o vulnerável ao prejuízo através de mutações, e seu grande tamanho torna-o fisiologicamente custoso. Pela produção de comportamentos como a linguagem e a arte, que apenas um cérebro complexo e custoso poderia produzir, podemos estar anunciando nossa aptidão para potenciais parceiros. Se a seleção sexual favoreceu as mentes que pareciam aptas para procriar, nossa inteligência criativa pode ter evoluído não porque isto nos dá vantagem de sobrevivência, mas porque torna-nos especialmente vulneráveis a revelar nossas mutações em nosso comportamento”<sup>9</sup>

Os indivíduos que conseguiam desenvolver comportamentos e linguagem mais adequados ao contexto social e ao ambiente físico, não apenas sobreviviam, mas, tornavam-se os mais atraentes, tanto como aliados quanto como parceiros sexuais, e conseguiam transmitir em maior quantidade suas características aos seus descendentes.

Esses descendentes, por sua vez, não herdavam apenas as características físicas de seus ancestrais, mas também as psicológicas, sendo a mais importante a preferência sexual por indivíduos com inteligência superior ou similar as suas, ou seja, com comportamentos e linguagem que demonstrem alta aptidão. O nível de exigência em relação ao parceiro aumentava a cada geração. Os indivíduos que não acompanhavam esse desenvolvimento mental e comportamental tinham seus genes, gradativamente, eliminados da população.

Portanto, a seleção natural e a seleção sexual, juntas, nos deram cérebros capazes de processar informações, produzir comportamentos que nos mantivessem vivos e mentes capazes de entreter, atrair e seduzir companheiros sexuais, garantindo nossa reprodução.

Nossas mentes, como diz um dos princípios básicos da psicologia evolutiva, é a mesma dos hominídeos caçadores e coletores do período pleistocênico. Os comportamentos sociais preferidos por eles ainda estão em nossos genes. As características que possuímos hoje são herança de nossos ancestrais. Se hoje nós comemos é por que nossos ancestrais privilegiaram essa forma de obter energia para suas atividades. Se hoje nós fazemos sexo é por que nossos ancestrais privilegiaram essa forma de reprodução.

As preferências, os gostos sexuais dos nossos ancestrais também são os nossos. O fato de nos últimos dez ou vinte mil anos da história terem surgido inúmeras mudanças no ambiente cultural não significa mudanças no ambiente genético humano. As alterações que

---

<sup>9</sup> Idem. Ibid. p. 119

levaram ao surgimento da mente humana como nós a conhecemos levaram milhões de anos, não são as mudanças culturais dos últimos quinze mil anos ou um pouco mais que vão alterá-las drasticamente, mesmo se levando em conta todo o tipo de mutação e recombinações genéticas que possam ter ocorrido ou que ainda venham a ocorrer.

O amor que se sentia a cinquenta mil anos é o mesmo de hoje. Assim como a alegria, a dor, a raiva e o ciúme são os mesmos. Apenas surgiram novas formas culturais e sociais de se lidar com elas, novos artifícios ideológicos. O homem medieval tinha suas próprias estratégias para lidar com as emoções e com o problema da sedução, que funcionavam de acordo com o contexto social no qual estava inserido. O ambiente é um fator importante nos relacionamentos, mas não o único.

E apesar de Darwin ter dito que a “a seleção sexual é menos rigorosa que a seleção natural”<sup>10</sup>, a seleção sexual pode ter sido a maior responsável pelo desenvolvimento da inteligência humana tal qual ela é. O que dá um status especial para o papel desempenhado pela sedução não só na evolução da mente humana, mas em toda a história da sociedade humana. Como disse o zoólogo Desmond Morris: “Pode-se mesmo dizer que o comportamento sexual moderno foi menos influenciado pelo progresso da civilização do que esta foi influenciada pelo comportamento sexual.”<sup>11</sup>.

Apesar da importância dada pela História a fatores como política, economia, cultura e mais recentemente, a relação do homem com o meio ambiente, é necessário que se comece a pensar que as relações sexuais e sentimentais estão presentes nas sociedades humanas em todas as épocas e lugares e que a História deve lançar seu olhar sobre ela. Elas podem ser a chave para a compreensão, não apenas da evolução da mente humana, mas também, da nossa capacidade comunicativa e criativa. A forma como nossos ancestrais mais antigos e mais recentes se relacionavam pode nos ensinar muito sobre as relações sociais na idade média e hoje, assim como sobre a própria natureza humana como a psicologia evolutiva defende.

#### NOVAS EXIGÊNCIAS, NOVAS ESTRATÉGIAS.

“Se você nasceu antes de 1960 é bem possível que tenha crescido vendo seus pais se relacionarem segundo os antigos princípios de sobrevivência entre homem e mulher. Eles repetiam o comportamento que aprenderam com os pais *deles*, que, por sua vez, imitaram os pais *deles*, que

---

10 DARWIN, Charles. *Origem das espécies*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985. P.104.

11 DESMOND, Morris. *O macaco nu*. São Paulo: Circulo do livro, 1967. p. 45.

copiaram os pais *deles*, e assim por diante, até chegar ao povo das cavernas com seus papéis claramente definidos.”

“Agora as regras mudaram completamente e seus pais não sabem como ajudar. O índice de divórcios entre os casamentos recentes está em torno de 50 por cento, e se levarmos em conta as uniões não oficializadas e os relacionamentos entre *gays*, a verdadeira taxa sobe para 70 por cento. Precisamos aprender as novas regras, se quisermos ser felizes e vivermos emocionalmente ilesos no século XXI.”<sup>12</sup>

Neste trecho do livro *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor*, os autores, Allan e Barbara Pease, chamam a atenção para a necessidade de se aprender as regras de relacionamento que surgem nos dias atuais, para que os relacionamentos se tornem mais saudáveis e felizes. Porém, será que é, realmente, possível aprender essas “regras” e “viver emocionalmente ilesos”? Será que existem, de fato, tais regras para os relacionamentos?

Segundo Georges Duby, “o comportamento de cada indivíduo com relação aos outros membros do grupo de que participa” é orientado por um sistema de valores, e “a partir dele elaboram-se as pressões que cada um aceita ou tenta transgredir, mas que cada um sabe que são pelos outros respeitadas”.<sup>13</sup> Partindo desse pensamento é possível constatar que existem, de fato, um conjunto de regras mais ou menos estabelecidas em todas as culturas que ordena as relações sociais como um todo, incluindo os relacionamentos sexuais e afetivos.

O fato de existirem regras não implica, contudo, na obediência as mesmas. Respeitar ou não, as normais sociais estabelecidas para o grupo do qual se faz parte depende da escolha do indivíduo, em se tratando de relacionamentos sexuais e afetivos, vai depender das preferências herdadas pelo mesmo nesse campo e das tradições contidas em sua sociedade, que implicarão no tipo de estratégia utilizada na sedução. Estas podem incluir tanto o respeito quanto o desrespeito às normas, que jamais foram claramente definidas.

Portanto, a questão, talvez, não seja aprender as novas regras, mas sim aprender a lidar com exigências sociais novas que se colocam de frente aos nossos mecanismos psicológicos antigos e, ainda, inadequados a tais mudanças. Talvez, seja não saber lidar com os novos desafios o grande gerador dos problemas emocionais de cada época e lugar. É preciso adaptar nossos mecanismos as novas situações geradas pelo meio-social, mas sem perder a noção de

---

12 PEASE, Allan & Barbara. *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor? Uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2000. p. 24.

13 DUBY, Georges. *História Social e Ideologias das sociedades*. IN: LE GOFF, Jacques. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1979. p.131.



que os problemas a enfrentar são os mesmos de sempre, no que diz respeito aos relacionamentos.

Com quem se relacionar? Com quantos? Por quanto tempo ficar com essa(s) pessoa(s)? E para cada um desses problemas surge uma resposta emocional: a paixão é o mecanismo incontrolável que define quem; o ciúme influencia nossa capacidade de “compartilhar” ou não parceiros; o amor, de tão difícil definição, talvez explique os longos relacionamentos ou não.

Para poder analisar os desafios impostos aos relacionamentos, sexuais e afetivos, por cada cultura e sociedade diferente, independente da época. É preciso, primeiro, analisar o contexto social de nossos ancestrais e depois os mecanismos psicológicos desenvolvidos por eles, e herdados por nós, para só então voltarmos o olhar para a dinâmica dos relacionamentos e da sedução em períodos recentes de nossa história.

## VIDA NO PLESTOCENO

“O holoceno mudou padrões de acasalamento e de reprodução humana radicalmente. Ele presenciou a emergência de riqueza herdada, casamentos arranjados, sociedades hierárquicas, patriarcado, feminismo, dinheiro, prostituição, casamento monogâmico, haréns, anúncios classificados pessoais, telefones, contracepção e aborto. Esses elementos tornam a sedução moderna bastante diferente da sedução na época pleistocênica. Contudo, a sedução no pleistoceno guiou a seleção sexual durante o período relevante da evolução humana, e o comportamento humano no holoceno ainda reflete nosso legado pleistocênico.”<sup>14</sup>

Foi a partir das Savanas altas na região entre a Etiópia e o Cabo, um milhão e meio de anos atrás que o *Homo Erectus* começou a se espalhar pelo mundo. E foram apenas 35 mil anos depois que começaram a deixar de viver como caçadores e coletores, passando a fazer uso da agricultura e pecuária.<sup>15</sup>

Durante 1,5 milhões de anos nossos ancestrais viveram em grupos nômades que sobreviviam através da coleta de alimentos e da caça. O constante deslocamento dos grupamentos humanos em busca de alimento podiam tanto proporcionar intercâmbio genético, social e cultural entre grupos de homínídeos quanto expor os mesmos a conflitos com outros grupos e ataques de animais.

A existência de uma organização social destes grupos era imprescindível, portanto, à sua sobrevivência e reprodução. Assim sendo, os desafios impostos pelo meio-ambiente e

<sup>14</sup> MILLER, Geoffrey F. Op. Cit. p.198

<sup>15</sup> OLIVER, Roland. Op. Cit. p. 28.

pelo convívio social, uma vez que isoladamente a sobrevivência e a reprodução se tornariam difíceis, moldaram as regras sociais e as culturas como um todo.

Em respostas as adversidades colocadas cada um dos sexos foi se adaptando e se especializando para a execução de determinadas tarefas. Ao mesmo tempo essas tarefas foram se tornando mais complexas e separando cada vez mais os sexos, dando a eles a aparência e as características atuais. A divisão sexual do trabalho moldou os sexos, assim como o sexo moldou as divisões. A via é de mão dupla, tudo se desenvolve junto. Não há primeiros nessa corrida.

Vejamos então como ocorriam essas divisões de tarefas no pleistoceno. Por exemplo, o ato de caçar, uma tarefa apontada como essencial a sobrevivência do grupo, exigiria que a mulher, possivelmente, se afastasse demasiadamente do grupo a fim de pegar uma presa, talvez por dias ou até semanas, como fazê-lo se ela estiver, por exemplo, grávida. Os riscos a vida da mulher e da prole seriam enormes, fazendo da caça uma atividade muito pouco compensatória, não apenas para a mulher como para o grupo.

“Somos mamíferos, portanto o investimento materno mínimo é muito maior do que o investimento paterno. Ela contribui com nove meses de gravidez e (em um ambiente natural) com dois a quatro anos de amamentação. Ele contribui com alguns minutos de sexo e uma colher de chá de sêmen.”<sup>16</sup>

Em condições naturais (sociedades tribais ou centenas de anos atrás), o gasto que a mulher possui no cuidado com a prole torna inviável para ela a execução de determinadas atividades, o que acarreta em uma primeira forma de divisão do trabalho, baseada, principalmente, nas diferenças sexuais dos indivíduos.

Pierre Castres ao analisar sociedades tribais aponta para uma oposição de “um grupo de produtores e de um grupo de consumidores” gerado por essa divisão sexual do trabalho, onde os homens com sua caça seriam os produtores e as mulheres, que esperam os homens voltarem com a comida enquanto cuidam dos filhos, as consumidoras.

“Existe entre os guaiáqui um espaço masculino e um espaço femininos, respectivamente definidos pela floresta onde os homens caçam e pelo acampamento onde reinam as mulheres. Sem dúvida as paradas são muito provisórias: elas raramente duram mais de três dias. Mas são o lugar de repouso onde se consome a alimentação preparada pelas mulheres, ao passo que a floresta é o lugar do movimento especialmente destinado a incursão dos homens em busca da caça.”<sup>17</sup>

---

16 PINKER, Steven. Op. Cit. p. 491

17 CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado: Pesquisas de antropologia política*. Rio de Janeiro. Editora Francisco Alves. 3ª edição, 1986. P.73/74

Porém a oposição existente, talvez, não esteja na relação econômica, mas sim no status conferido a cada atividade. Possivelmente, a caça não tinha tanta importância e significância, no que se refere à sobrevivência do grupo, quanto a coleta, que era feita majoritariamente pelas mulheres. Porém a atividade de caça exige muito das habilidades do indivíduo, configurando-se em um excelente critério para avaliar aptidão. Ou seja, o indivíduo que fosse mais bem sucedido nas suas caçadas possuía maior status dentro do grupo. A caça configurar-se-ia numa forma de propaganda.

“Os custos da caça recaem sobre o caçador - o tempo e a energia gastos aprendendo a caçar, confeccionando as armas, localizando animais, usando as armas e perseguindo as presas feridas. O caçador também arrisca-se a ferimentos ou morte se um animal está lutando por sua própria vida, ao tentar simplesmente caçar seu jantar. Ainda assim, os benefícios são disseminados por toda a tribo, desfrutados pelos rivais sexuais e pelos filhos de outros homens.”<sup>18</sup>

A capacidade de dividir o resultado de sua caçada com os outros pode ter sido um importante anunciador de aptidão. A generosidade e o altruísmo são características psicológicas que podem ter sido favorecidas pela evolução e que com certeza são importantíssimas para a manutenção de qualquer sociedade.

“a manutenção dos laços sociais é crucial. Primeiro porque, infringindo o código estabelecido de honra ou generosidade, o indivíduo se afasta da comunidade e se torna um marginal; segundo porque, a longo prazo, todas as obrigações sociais são recíprocas, e seu cumprimento serve melhor aos interesses individuais de dar e receber. Essa situação deve exercer uma pressão contínua sobre o indivíduo no sentido de eliminar do seu consciente o auto interesse econômico, a ponto de torná-lo incapaz, em muitos casos (mas certamente não em todos), de compreender até mesmo as implicações de suas próprias ações em termos de um tal interesse.”<sup>19</sup>

O processo evolutivo, segundo Miller, fez com que o ser humano desenvolvesse características psicológicas como generosidade e altruísmo, por estas favorecem o maior status do indivíduo. Quanto maior o status do indivíduo maior seria o número de mulheres que ele teria acesso e por tanto mais de seus genes seriam disseminados dentro daquela população.

Claro que generosidade e altruísmo não são as únicas características psicológicas que podem gerar status, nem mesmo o status é a única forma de ampliar o acesso de um homem as mulheres de um grupo. Outras características psicológicas e outras formas de atrair as mulheres foram surgindo, se desenvolvendo e se difundindo pelas populações de homínídeos,

---

18 MILLER, Geoffrey F. Op. Cit. p. 336.

19 POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens de nossa época*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000. p. 66

mas o status social, com certeza, foi (e ainda é) uma das principais formas encontradas pelos homens de chamar atenção das mulheres. Seja ele, fruto de ações caridosas para com membros do grupo ou, de demonstração de força e crueldade.

A caça, assim como a arte, era uma forma de demonstrar aptidão. Era uma forma de o homem dizer “Ei, eu tenho bons genes!”. Ele mostrava isso através de seu trabalho e de seu comportamento em relação ao grupo. Uma estratégia adotada de forma inconsciente e que conta com o estímulo do próprio meio social no qual se está inserido para se ampliar e se tornar mais forte. Isso por que o grupo seleciona esse comportamento em detrimento de outros.

Assim como a caça, algumas outras atividades podiam servir ao homem (independentemente da relevância destas para a sobrevivência do indivíduo e/ou do grupo) como estratégias para demonstrar sua aptidão e, desta maneira atrair a atenção de algumas fêmeas. As mulheres, por sua vez, também possuíam suas próprias estratégias para demonstrar aptidão e atrair machos.

Um exemplo claro disso pode ser visto quando olhamos a própria maneira como a mulher cuida de sua prole, dificilmente um homem escolheria ficar com uma mulher que fosse negligente nos cuidados com sua cria.

“A variável importante não era se a mulher já tinha filhos, mas se era uma mãe alegre ou pesarosa, uma mãe bela ou feia, inteligente ou entediante. A competição sexual entre as mulheres era, principalmente, uma competição sexual entre mães”<sup>20</sup>

Contudo, o poder maior das mulheres estava muito mais na escolha do que na competição por atenção. Como os homens tem uma capacidade de procriação maior que a feminina (um homem pode inseminar centenas de mulheres em curto espaço de tempo), eles tendem a preferir relacionamentos mais curtos e rápidos sendo, então, muito mais atraídos pela aparência feminina do que pelo comportamento e inteligência, ao contrário da mulher.

Quanto maior é a competição entre os homens, maior o poder de escolha que a mulher tem. Nesse sentido a mente da mulher teria evoluído para possuir uma capacidade crítica e um poder de ponderar as decisões, muito maior (o que não quer dizer que o homem não exerce escolha).

“Quando o investimento mínimo na prole é maior para as fêmeas, um macho pode ter mais filhos se tiver muitas parceiras, mas uma fêmea não gerará mais filhos se tiver muitos parceiros – um por concepção basta.”<sup>21</sup>

---

20 MILLER, Geoffrey F. Op. Cit. p. 212.

O que se deseja ressaltar aqui é que homens e mulheres são naturalmente diferentes, não apenas do ponto de vista biológico, mas suas características psicológicas também tendem a ser diferentes, pois evoluíram de forma diferente e para cumprir funções diferentes.

Porém, o principal é que seus interesses no que diz respeito à procriação são diferentes. Os homens tendem a querer relacionamentos curtos e numerosos e as mulheres, longos e monogâmicos (ou, pelo menos, significativamente menos numerosos). Homens tendem a buscar realizar grandes e numerosos feitos, as mulheres tendem a selecionar quais feitos são realmente grandes. Nada impede, contudo, que esses papéis se invertam. Mas, do ponto de vista estatístico, essa relação se impõe.

Os relacionamentos ao longo do pleistoceno não costumavam durar mais do que algumas semanas ou meses (tempo suficiente para gerar um filho) e a maior parte da população feminina era de mães solteiras. Os relacionamentos mais longos não costumavam ir além dos sete anos (tempo suficiente para o filho conseguir se cuidar, relativamente, sozinho) e maior parte desses relacionamentos era poligâmica, a monogamia não era uma regra.

Foi este contexto social que moldou a mente de homens e mulheres durante milhões de anos<sup>22</sup>. Mudanças significativas não ocorreram em nossas mentes deste então, mas ocorreram no contexto social que tem sofrido com uma inundação de inovações sociais e culturais as quais, ainda, temos dificuldade de entender.

## UM CONTEXTO DIFERENTE

O homem saiu da África. Nossos ancestrais ganharam o mundo, se espalharam. Com o tempo, deixaram grupos nômades e se transformaram em povos sedentários, estabelecidos em um lugar fixo e tendo sua sobrevivência atrelada ao cultivo da terra e criação de animais.

---

21 PINKER, Steven. Op. Cit. p.492

22 O modelo de relacionamento descrito até aqui, baseado na monogamia e numa relativa dominância masculina sobre a mulher, é um modelo que, segundo teorias evolutivas que usam da seleção natural para explicar o ser humano, teria sido predominante antes do *homo sapiens* sair das savanas Africanas e se espalhar pelo mundo, antes mesmo de existir um *Homo Sapiens*. Esse modelo de relacionamento é muito baseado na observação do comportamento sexual de símios e primatas, nossos parentes próximos com os quais compartilhamos ancestrais. A adoção desse modelo não implica, no entanto, a inexistência de outras formas de relacionamento, porém nossos ancestrais construíram muitas de suas emoções como reação aos problemas impostos por este modelo de vida, e nós herdamos suas preferências.

Muitas transformações culturais e sociais ocorreram, conduzidas pela necessidade de adaptação às próprias criações do homem. Mas o ser humano não é capaz de mudar a sua natureza, sua genética, suas funções psicológicas na mesma velocidade que sua mente é capaz de criar novos desafios.

A Idade Média Ocidental, mas precisamente o período feudal, foi para homens e mulheres um contexto social, econômico, religioso, institucional, ideológico e político<sup>23</sup> diferente dos contextos históricos anteriores e, principalmente, diferente do período pleistocênico ao qual a mente humana está, até hoje, adaptada.

O desenvolvimento humano até, cerca de, 70.000 anos atrás, quando se deu a revolução cognitiva, havia se dado, principalmente, no campo genético. As mudanças que o homem sofreu até então haviam sido lentas, mas a partir da revolução cognitiva, do surgimento de uma linguagem, da transmissão de informações complexas, não apenas dados de auxílio à sobrevivência, do surgimento das artes a cerca de 40.000 anos. A partir de então, o homem passou a ter a capacidade de elaborar conceitos complexos, histórias e narrativas detalhadas, sobre si mesmos, os membros de seus grupos e sobre seres imaginários e divinos.

Dotado agora de capacidade para elaborar pensamentos mais complexos e de transmitir e receber pensamentos do mesmo tipo, o homem passa a produzir, não apenas e simplesmente comunicação, mas também, identificação. Ele passa a ter a capacidade de identificar-se com outro e o outro com ele, através da percepção da existência de ideias e valores comuns. E graças à capacidade de transmitir informações referentes tanto a realidade objetiva quanto ao universo imaginário dos indivíduos, podem ser criados grandes grupamentos humanos unidos sobre a mesma tradição, sobre a mesma religião, sobre os mesmos valores, sobre a mesma ideologia.

“O desenvolvimento da linguagem significa, nada mais nada menos, que o advento de um universo mental comum, permitindo não apenas ações e sentimentos comuns, mas também pensamentos e planos, conceitos e valores comuns. Todos os humanos ficarão ligados, de futuro, a uma cadeia ininterrupta de tradições, tomando conta dos universos mentais dos seus predecessores, operando sobre eles e transmitindo-os.”<sup>24</sup>

Com o desenvolvimento da linguagem passam a existir dois caminhos de evolução para o homem, o biológico e o mental. O universo mental é, contudo, capaz de se modificar e

---

23 FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: Nascimento do ocidente*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006. p. 88

24 BURKERT, Walter. *A criação do sagrado*. Lisboa: Edições 70, 2001. p. 39.

adaptar de forma muito mais acelerada que o universo biológico e é a ligação, proporcionada pela linguagem, entre os universos mentais de diversos indivíduos que dá origem aos mitos, tradições, religiões, instituições e toda uma série de elementos culturais, que darão a origem a diversas regras de conduta social.

O comportamento humano deixa agora de ser governado exclusivamente pelos seus genes do indivíduo e passa a responder também a um complexo sistema de valores elaborados pelo coletivo.

Para que se desvende o mistério por detrás das relações afetivas e sexuais de homens e mulheres dos séculos XI ao XV é necessário, antes de tudo, “reconstruir a lógica global da sociedade medieval”<sup>25</sup>, tentar entender qual era o contexto em que esses homens e mulheres se encontram e como funcionavam os sistemas de valores elaborados por eles para garantir sua sobrevivência e reprodução, bem como de suas sociedades.

## A SOCIEDADE FEUDAL

“O que se deve chamar de feudalismo ou termo correlato (modo de produção feudal, sociedade feudal, sistema feudal, etc.) é o conjunto da formação social dominante no ocidente da idade média central, com suas facetas, política, econômica, ideológica, institucional, social, cultural, religiosa.”<sup>26</sup>

A assim chamada sociedade feudal constitui-se em uma nova forma de organização das relações humanas. Sendo essa nova organização fruto de transformações sociais, políticas e econômicas.

Entre 1050 e 1250 “a população da Europa Ocidental dobra, ou mesmo triplica em certas regiões”<sup>27</sup>. É um período de alta da fecundidade, queda da mortalidade e maior disponibilidade de alimentos.

Jéromê Baschet aponta que para autores como Marc Bloch, Robert Fossier e Roberto S. López, o aumento da população teria gerado as condições para o aumento da produção. Já para Lynn White, por exemplo, o progresso técnico é que teria tido papel principal no

---

25 BASCHET, Jéromê. *A Civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Ed. Globo, 2006. P.109.

26 FRANCO JÚNIOR, Hilário. Op. Cit. p.88.

27 BASCHET, Jéromê. Op. Cit. p.101

desenvolvimento. E em Pierre Bonnassie, a soma de inovações técnicas com o quadro de fome é que teriam estimulado o desenvolvimento da produção.

George Duby, contudo, mostra que é através da abertura de possibilidades materiais (circulação das inovações tecnológicas, aumento da população, aumento da produção agrícola) e ideológicas (difusão do cristianismo) que se dá o desenvolvimento da ordem feudal.

Nessa nova ordem, a ordem feudal, é possível se distinguir com mais facilidade dois grupos sociais. De um lado clérigos e cavaleiros e do outro lado os trabalhadores.<sup>28</sup> Os clérigos e cavaleiros concentram sobre si a riqueza, o poder, a cultura e o prestígio que os distinguem dos trabalhadores e que governam a desigualdade humana<sup>29</sup>. Entre si, estes dois grupos podem se equiparar em relação à riqueza, ao poder e ao prestígio, porém se diferenciam por seu comportamento social e religioso, assim como por suas funções dentro da ordem social.<sup>30</sup>

Os nobres e cavaleiros eram os responsáveis pela administração, defesa e manutenção da ordem pela força das armas. Aos clérigos e religiosos, especialistas da oração cabiam-lhes orar pela salvação de todos, servir de exemplo e auxílio aos pobres e “gastar, para a glória de Deus”<sup>31</sup>, aos pobres cabia o sustento, através de seu trabalho, das classes superiores.

O grupo dos clérigos, controlador das técnicas de leitura e escrita, concentrava a intelectualidade da época tornando-se o elaborador e codificador de muitas das doutrinas e pensamentos então vigentes, incluindo a teoria das três ordens. É nessa teoria que o mundo se divide entre clérigos, guerreiros e camponeses. Divisão imutável e resultado da vontade divina.

---

28 DUBY, Georges. *Guerreiros e Camponeses: os primórdios do crescimento económico europeu. Séc. VIII – XII*. Lisboa: Editora Estampa, 2, 1993. p.173

29 BARROS, José D’Assunção. *A construção social da cor: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. p. 23.

30 LE GOFF, Jacques. *As Raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. p. 81.

31 DUBY, Georges. Op. Cit. p.183.



A ideologia das três ordens não é, contudo, uma realidade completa. Existiam, obviamente, elementos nela que de fato representavam a realidade vivida em algumas localidades da Europa na Idade Média, caso contrário à adesão e sujeição dos grupos a ela teria sido impossível. Mas ela correspondia muito mais a uma construção ideológica das elites com fins a manutenção de seu poder e status diante da ameaça de grupos em ascensão do que de uma realidade total.

“Suscetível de usos diversos, ele é, no mais das vezes, posto a serviço da reafirmação do poder real em face dos senhores e dos bispos, contribuindo para manter em posição subalterna os novos grupos urbanos, fundidos com os dependentes rurais na massa daqueles que penam no trabalho.”<sup>32</sup>

Ainda que não represente a realidade, esse modelo não deixa de servir a análise das sociedades medievais, uma vez que é representativo de uma forma de compreender o mundo pertinente àquela época.

### Clérigos

“Se a igreja – identificada ao clero - ordena e dirige a sociedade, em seu sentido comunitário, ela é a própria sociedade.”<sup>33</sup>

O ser humano é um ser social. Sua sobrevivência, seu desenvolvimento e sua reprodução dependem da vida em sociedade, dependem do coletivo. Uma vez que a vida em sociedade é tão importante para a sobrevivência e reprodução do indivíduo, grupos irão se formar dentro das sociedades. Cada um desses grupos, tal e qual seus membros, estão em constante colaboração e competição uns com os outros, em busca de sua sobrevivência e reprodução.

O grupo mais importante na sociedade medieval foi, com certeza, o dos indivíduos ligados à religião cristã. Seu poder e status originava-se na crença geral da existência de certo “poder extra-humano” que era transmitido de um indivíduo ou ser inicial para outros indivíduos que passavam a compor essa “comunidade sagrada” que era o clero.<sup>34</sup>

Seus membros eram captados de dentro da elite laica, a transferência desse poder divino não se dava de forma hereditária. O poder, a riqueza e o status dos clérigos eram

---

32 BASCHET, Jérôme. Op. Cit. P. 166.

33 Idem. Ibid.

34 FRANCO JÚNIOR, Hilário. Op. Cit. p. 68.

conservados, preservados e acumulados dentro da instituição que eles criaram e através da qual exerciam influência e controle sobre os demais membros da sociedade, a igreja. Sua força vinha, basicamente, de construções ideológicas, sem as quais o acesso aos bens materiais e o controle sobre os homens naqueles moldes seria impossível. A sobrevivência e reprodução desse grupo dependiam da sobrevivência e reprodução de suas ideias.

Contudo, apesar da importância e força atribuída à igreja, ela não era, de forma alguma, a sociedade. Suas concepções de mundo e seus valores morais eram majoritários na mente dos indivíduos membros de qualquer sociedade onde sua influência fosse alta, mas cada grupo criava e reelaborava essas concepções e valores de acordo com seus próprios interesses, uma vez que sua própria reprodução e sobrevivência dependiam disso. E era isso que exigia também da igreja constantes criações e reelaborações no seu interior.

Nenhum grupo era estático e imutável como a teoria das três ordens pretendia, essa teoria serviu apenas para proteger e ampliar os poderes e status de clérigos e cavaleiros, mantendo a estabilidade social e política.

#### Guerreiros

“Ser nobre é, antes de tudo, uma pretensão a se distinguir do comum, por um modo de vida, por atitudes e por sinais de ostentação que vão da vestimenta aos modos à mesa, mas sobretudo por um prestígio herdado dos antecedentes.”<sup>35</sup>

Enquanto os clérigos tinham seu poder e posição baseados na crença no sobrenatural, a nobreza tinha seu poder e posição pautados por sangue e ação. Era, sobretudo, na maneira de agir e se portar que a nobreza se diferenciava dos demais.

Seguindo a teoria das três ordens, existiam os que oravam, os que guerreavam e os que trabalhavam. Eles eram os que guerreavam. Era na guerra e no monopólio do uso das armas e da força que estavam o seu poder. Sendo este grupo os principais concentradores de força militar, era sobre eles que recaía a defesa da sociedade e manutenção da ordem social. Uma vez que a nobreza garantia a segurança da sociedade, ela se via no direito de explorar a mesma. A exploração senhorial “era apresentada como o preço que tinha de ser pago pela segurança que o novo regime garantia aos trabalhadores.”<sup>36</sup>

---

35 BASCHET, Jérôme. Op. Cit. P. 110.

36 DUBY, Georges. Op. Cit. P. 180.

Como donos da terra, administradores e guerreiros, esses aristocratas e nobres viam-se no direito, não apenas de explorar livremente, mas de serem eles mesmos livres. Tanto para clérigos quanto para a nobreza o trabalho era algo ofensivo e repugnante que deveria ficar restrito as classes mais baixas. Ambos viviam, portanto, da exploração de seus inferiores. Mas enquanto o clero estava restrito pelas normas e regras da religião, a nobreza caracterizava-se por sua liberalidade.

A ostentação e o desperdício eram uma forma de adoração a Deus para os clérigos. Para os nobres, ostentação e desperdício eram uma forma de liberdade e também uma forma de diferenciação. O comportamento se transformava em mais um símbolo de distinção.

Um nobre era nobre por que seu pai também o era, assim como o pai dele era e assim por diante. Os privilégios, a riqueza, o poder eram todos herdados pela via hereditária. O sangue era a maior fonte de prestígio e poder, mas em uma sociedade tão populosa, onde nem todos se conhecem ou já se viram, a melhor maneira de distinguir alguém é através da adoção de símbolos como, determinados tipos de roupa, cabelo, moradia, fala, comportamento e atitude.

“No *ethos* a que se dedicavam estes nobres, uma das virtudes mais prezadas era a generosidade e o prazer do desperdício. Como os antigos reis, o cavaleiro devia ser sempre generoso, lançando riqueza a sua volta. Os banquetes e as festas, onde se comia e bebia em excesso e onde os frutos da terra eram destruídos coletivamente no meio de orgias em que se competia para ver quem se excedia mais, eram, além da guerra, o padrão de vida da nobreza.”<sup>37</sup>

## Camponeses

O poder na idade média configura-se, basicamente, pela posse de terras. Porém não se trata apenas de possuir terras, mas de possuir pessoas. Sem pessoas para trabalhar a terra não há riqueza, não há prestígio e não há poder.

Os dois grupos sociais abordados anteriormente, clero e nobreza, dependiam de grande número de pessoas para produzir, manter e reproduzir sua condição social, política e econômica. A massa de homens e mulheres que não estavam inseridos no clero ou na nobreza, escravos e camponeses, tornavam-se o objeto de disputa entre clero e nobreza.

Era a grande massa de trabalhadores, fossem estes escravos, livres ou servos, que sustentavam as camadas superiores através de seu trabalho. Era, também através do trabalho, que, segundo o pensamento religioso da época, esses homens e mulheres pobres, feios e grosseiros iriam redimir-se do pecado.

---

37 Idem. Ibidem. P.184.

A Aparência e o comportamento desse grupo eram apontados como sendo feio e grosseiro, assim era possível distinguir-se o homem laico, porém nobre, do homem laico, porém camponês. O desconhecimento da escrita, a falta de erudição, o desconhecimento do livro sagrado e a, assim considerada, incapacidade de interpretar os desígnios divinos, os tornavam diferentes dos clérigos.

Os três grupos possuíam semelhanças que os mantinham unidos dentro de uma mesma sociedade, mas também possuíam diferenças tanto entre si, quanto no interior do próprio grupo. Entre os trabalhadores havia grande diversidade de crenças e origens, o que tornava para a igreja, com suas próprias diferenças e embates internos, muito mais difícil a tarefa de inserir este grupo dentro de um comportamento padrão.

Nem a norma matrimonial, nem as doutrinas de controle sexual, nem as idealizações do amor cortês elaborado pela elite laica serão totalmente absorvidos por essas camadas ou mesmo pelas camadas que as criam. Toda criação será adaptada para servir melhor ao grupo e a cada indivíduo da melhor maneira. O processo de atração de um parceiro sexual, a sedução, se dará de forma diferente e será pensada de forma diferente em cada camada e para cada pessoa, como se pretende verificar a frente.

## O QUE É O AMOR?

### O CASAMENTO

A continuidade e a manutenção de uma espécie não dependem unicamente da reprodução de seus membros, mas também da reprodução, manutenção e continuidade dos espaços onde a reprodução dos indivíduos ocorre. Portanto, torna-se essencial que haja certa estabilidade no meio social, econômico, político e religioso para que homens e mulheres possam ter tempo, lugar e relativa liberdade de buscar seus parceiros sexuais e formar relações de parentesco.

Para se garantir tal estabilidade e, portanto, a continuidade de existência de seus grupos e de si próprios, os homens e mulheres do ocidente medieval (assim como os de outros períodos e lugares) se esforçavam por elaborar regras e normas de conduta que conferissem cada vez mais estabilidade as relações sociais.

Um dos principais elementos de instabilidade da época medieval era a questão da transmissão de bens e da forma como ela afetava as instituições. A partir do momento que a riqueza e o poder passam a ter como fator principal de medição a posse de bens materiais, se torna essencial a manutenção e o acúmulo contínuo desses bens sobre um mesmo indivíduo ou instituição para que se mantenha o poder, o status e a riqueza dos mesmos.

Na Idade Média uma das principais formas de diferenciação do indivíduo se dava pela posse da terra. Porém, para além do grupo social a que pertenciam os indivíduos estavam as relações de parentesco que possuíam, o grupo familiar ao qual se ligavam. Ou seja, manter a posse da terra dentro do mesmo grupo de parentesco sem fragmentá-la era essencial para manter o poder e o status de seus descendentes, assim como a estabilidade do grupo a que pertenciam e da própria sociedade medieval.

No mundo antigo romano o sistema de parentesco girava em torno da figura do pai, patrilinear. Existem e existiram formas de se compreender o parentesco via linha materna, matrilinear, onde os parentes são aqueles ligados a uma figura materna em oposição ao sistema patrilinear onde estes se ligam à figura paterna. Mas a partir da alta Idade Média o que se vê é um sistema onde, cada vez mais, se consideram parentes tanto os familiares da mãe quanto do pai.<sup>38</sup>

Contudo, no que diz respeito à transmissão de bens, a tradição romana e a patrilinearidade parecem ser prevaletentes, sendo os bens divididos entre os filhos homens.

---

38 BASCHET, Jérôme. Op. Cit. p.452.

Essa divisão dos bens torna-se, porém, prejudicial à manutenção do poder aristocrático, surge então à tendência nos meios aristocráticos de transmitir os bens somente ao filho homem e mais velho, o primogênito passa a ser herdeiro dos bens de seus pais e de sua família.

No entanto, para que houvesse filhos e filhas a quem deixar algo de herança era preciso antes de tudo que houvesse um acordo entre um homem e uma mulher, ou entre suas famílias, o que era mais comum. O casamento surge então como um acordo entre duas partes interessadas em unirem-se, gerar herdeiros e manter ou ampliar determinado padrão de poder, riqueza e/ou status. E ele não precisava ser indissolúvel ou eterno, apenas precisava deixar claro quem eram o pai e mãe da criança que herdaria a maioria dos bens produzidos a partir dessa união.

“Parece claro que três atitudes principais orientavam as negociações que se desenvolvem então como preâmbulo a todo casamento: uma propensão, consciente ou não, à endogamia, a encontrar esposas entre as primas, entre a descendência de um mesmo ancestral, entre os herdeiros de um mesmo patrimônio, cuja união matrimonial tende assim a reunir fragmentos esparsos em vez de dissociá-los ainda mais; a prudência, que implica em não multiplicar demasiadamente os filhos e, portanto, em limitar o número dos novos lares, em manter no celibato uma parte notável da prole; a desconfiança por fim, a cautela nos meandros da negociação, a preocupação de se garantir, o cuidado das duas partes em equilibrar as cessões consentidas e as vantagens esperadas. Como conclusão desses acertos, gestos e palavras públicas, um cerimonial também desdobrado.”<sup>39</sup>

A partir do século VIII torna-se objetivo comum da igreja e dos soberanos laicos a realização da cidade de Deus na Terra. Conferir estabilidade ao mundo e reger os comportamentos dos indivíduos e grupos levou os soberanos carolíngios a transformarem em leis os decretos eclesiásticos<sup>40</sup>. E obviamente isso teve reflexo sobre as normas relativas às uniões matrimoniais, por exemplo, “colocando fim” ao divórcio e ao incesto.

Nas tentativas de garantir a manutenção da unidade dos bens eram comuns ações como realizar uniões entre primos ou mesmo irmãos, a endogamia era uma tendência principalmente entre os mais altos níveis da aristocracia.

“Com efeito, Pedro Damião e o Papa Alexandre II, em uma decretal de 1065, relançam vigorosamente a interdição de aliança de casamento entre até o sétimo grau canônico (quer dizer, segundo o modo de cálculo mais exigente, que conta as gerações até o ancestral comum das duas pessoas implicadas, e não segundo o cômputo romano, que acrescenta as gerações indo de uma pessoa a outra, passando pelo ancestral comum, o que dobra o número de graus). Durante um século e meio a

39 DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das letras, 1989. p.16.

40 VAUCHEZ, André. *A espiritualidade da idade média ocidental – séc. VIII – XIII*. Lisboa: Editora Estampa, 1995. p.16/17

igreja brande essa regra, a despeito de seu caráter impraticável. (...) Mais tarde Concílio de Latrão IV desloca os limites da interdição matrimonial para o quarto grau canônico.”<sup>41</sup>

O ato sexual está diretamente relacionado, na concepção cristã, ao pecado original e ao mito da criação. Mas apesar de ser um grande pecado, era essencial a reprodução física da sociedade medieval. O ato sexual é então aprisionado dentro do casamento, o único espaço adequado a sua manifestação. Neste sentido o casamento concebido pela igreja buscará ser indissolúvel, pois passará a representar a união entre dois corpos e duas almas que se tornam um através do ato sexual; monogâmico, só se poderá ter um parceiro; endógamo, só se fará entre membros de famílias diferentes.

O modelo cristão de casamento durante alguns séculos (e, talvez, até hoje em alguns aspectos) se colocará em constante choque com a lógica romana do casamento, onde o divórcio é permitido, onde a monogamia não é exigência maior e onde o incesto é algo normal e comum.

Dois fatores apenas serão de maior contribuição para que o casamento deixe de ser responsabilidade laica para ser responsabilidade religiosa, para que o ideal cristão de relacionamento penetre a mente da maioria e tenha relativo sucesso de implementação: o medo de não ser salvo e o fato desse modelo de alguma forma contribuir com os interesses da elite laica tanto quanto da elite clerical.

O modelo cristão de casamento altera a moral dos homens e mulheres medievais. Apesar de práticas como amancebamento, incesto, separação, adultério e outras, ainda persistirem na sociedade, a partir da nova moral estabelecida pela igreja e apoiada (ao menos até onde lhe convém) pela elite laica, elas deveram agora buscar espaços mais adequados, não poderão ser vivenciadas livremente como antes, pois elas vão contra a moral e o desrespeito a moral leva à perda de status e poder (além da danação eterna da alma).

“As regras da aliança de casamento são objeto de numerosos conflitos, muitas vezes uma ocasião para a igreja manifestar sua força diante dos laicos importantes, como, por exemplo, a excomunhão do rei da França, Felipe, I em 1094 e 1095, acusado por Urbano II de bigamia e incesto”<sup>42</sup>

Faz parte da tentativa da igreja de controlar as relações sexuais e afetivas pintar um quadro onde o sexo é extremamente perigoso para a salvação da alma. Tudo relativo ao sexo e

---

41 BASCHET, Jérôme. Op. Cit. p. 450.

42 Idem. Ibidem. p.449.

ao prazer era repreendido pela igreja. Porém, o prazer é exatamente aquela sensação mais buscada, mais procurada, no ato sexual. É ele um mecanismo essencial para que homens e mulheres continuem a buscá-lo sempre e cada vez mais para que assim ocorra a reprodução e mais um ser humano venha ao mundo.

A igreja, contudo, insiste em reprimir o prazer. Ao mesmo tempo, inúmeros rapazes são forçados ao celibato, tanto no âmbito da igreja quanto fora dela, já que o que se busca é casar apenas o filho mais velho. Quando apenas o primogênito e as filhas contraem matrimônio é possível garantir que a herança não será dividida e a propriedade da família irá permanecer inteira.

“Casar todas as filhas, manter no celibato todos os rapazes, exceto o mais velho, disso se segue que a oferta de mulheres tende a superar largamente a demanda naquilo que somos tentados a chamar de mercado matrimonial”<sup>43</sup>

Formam-se então três tipos básicos de homens na Idade Média: o casado, o solteiro e o clérigo. O casado é impedido pela moral cristã de ter prazer nas relações com sua esposa, sendo obrigado a buscar fora do casamento. O solteiro não arruma esposa, um celibatário por falta de opção, vaga em busca de donzelas perdidas e prostitutas para saciar suas necessidades. Já o clérigo vive em celibato constate, requerido em seu grupo social, podendo, às vezes, saciar suas necessidades em escondido com prostitutas ou mesmo com outros membros do clero.

A alta valorização da virgindade feminina é também, junto às questões políticas e econômicas envolvidas no matrimônio, um dos fatores que dificultavam o acesso dos homens, principalmente os solteiros, aos prazeres sexuais e a livre prática da sedução. A mulher deveria ser casta e pura para casar, caso não conseguisse manter-se casta não poderia se casar e arcaria com as consequências de viver sem um marido em uma sociedade que inferioriza a mulher, ao menos no que diz respeito a sua participação política e social no mundo.

A superstição e religiosidade são muito presentes na Idade Média. O medo da condenação pelos pecados é real e, aos poucos, leva os membros da elite laica a adotarem o conceito cristão de casamento, por medo e por interesse. Mas não apenas o conceito de casamento cristão é absorvido, mas também o conceito de amor, de paixão e vários outros conceitos ligados aos relacionamentos sexuais e afetivos são criados no seio da igreja, por seus intelectuais celibatários ávidos por ordem e poder, e absorvidos pela elite laica.

---

43 DUBY, Georges. Op. Cit. P. 22.



O problema é que, como já foi dito, é, também, por interesse que o homem medieval se deixa envolver pelo conceito cristão de relacionamento. É o interesse que não o deixa absorver plenamente esses conceitos. O casamento e amor cristão são muito restritos, não há espaço para o prazer, somente se permite o amor a Deus. Essa restrição que começa a ser imposta ao homem medieval é que vai fazer com que ele crie estratégias para vivenciar outro amor, outra paixão, onde se possa viver o prazer de forma plena e sem maiores culpas e onde o amor e a paixão tenham significados e sentidos adequados ao modo de vida do homem laico.

“A causa de todo nosso tormento será realmente, como muitos pensam, a chamada concepção “cristã” do casamento ou, ao contrário, uma concepção do amor que talvez ninguém ainda percebeu o quanto torna essa união insuportável desde o primeiro momento?”<sup>44</sup>

## AMOR E PAIXÃO

Antes de adentrar a análise do conceito medieval de paixão e de amor torna-se necessário ver esses conceitos a luz da perspectiva evolucionista. Para tanto, um exercício se faz preciso. Imaginemos uma sala cheia de pessoas. 30 indivíduos, sendo 15 homens e 15 mulheres. São entregues papéis com números de 1 até 30 para que sejam colados na testa de cada um, de forma que ninguém saiba o seu próprio número, mas apenas o número do outro. Então, pede-se que formem casais, baseando-se no número que cada um possui. Quanto maior melhor.

Aqui, o jogo começa. Cada um deve formar casal com o homem ou mulher de maior valor que encontrar. O número de pessoas na sala é par, logo todos irão conseguir um par. O mais interessante, contudo, é notar o proceder de cada um na procura por esse par. As pessoas irão circular e tentarão abordar as outras em busca de convencer o outro a formar par com elas. Por exemplo, um homem 15 pode tentar abordar uma mulher 30. Mas esse 30 ao ver um 28 passando irá preferir ser abordada por ele e vai rejeitar o 15.

No final dessa dinâmica, os pares formados serão de números parecidos, os últimos a conseguirem um par serão, provavelmente, os números mais baixos como 1 e 2 que ficarão juntos por falta de opção melhor. Mas, caso o número de pessoas envolvidas não seja par, o que impediria que o 15 abandonasse o 14 que se encontra com ele para ficar com um 16 ou 17 que passar?

Ao buscar um parceiro sexual e afetivo estamos programados a buscar aquele que for o melhor. O número colado à testa nesse exercício representa o valor reprodutivo de cada

<sup>44</sup> ROUGEMONT, Denis. *O amor e o ocidente*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988. p. 17.

pessoa. Infelizmente, não é possível ficar com o melhor parceiro a não ser que você também seja o melhor. Logo, números baixos acabam se contentando e ficando com números baixos, como eles.

“A combinação de aptidões não resulta na preferência de qualquer indivíduo por um parceiro de igual classificação; resulta sim na interação das preferências de todos durante o processo de seleção”<sup>45</sup>

Mas o que impede alguém, caso haja oportunidade, de abandonar a pessoa que se encontra com ela por outra que ela considera melhor?

A resposta para essa pergunta talvez seja a paixão. A paixão seria um mecanismo psicológico incontrolável que surgiu com a evolução e que tem por propósito manter dois indivíduos juntos por tempo suficiente para produzir um filho. É a paixão que impede o abandono de um por outro. Se todos se abandonassem a primeira visão de algo melhor, ninguém se manteria tempo suficiente junto para dar origem à prole.<sup>46</sup>

A paixão, portanto, é um mecanismo de curta duração. Ela mantém as pessoas juntas pelo tempo necessário, não mais que isso. O amor, por outro lado, parece se distinguir ao ser compreendido como um sentimento de longa duração, porém essa distinção é, provavelmente, uma ideia mais próxima do hoje e não fazia parte do contexto medieval. Nesse período amor e paixão se confundiam (como ainda são confundidos hoje) e, possivelmente, eram entendidos como eternos. Veremos mais adiante.

O que seria então o amor para a psicologia evolutiva? O amor, para Steven Pinker, seria uma emoção resultante do grau de identificação entre os interesses genéticos existentes entre dois indivíduos.

“A essência do amor é sentir prazer com o bem-estar do outro e sofrer quando o outro é prejudicado. Esses sentimentos motivam atos que beneficiam o ser amado, como acalentá-lo, alimentá-lo, protegê-lo.”<sup>47</sup>

45 MILLER, Geoffrey. Op. Cit. p. 216.

46 Esse exercício com números para explicar a paixão pode ser encontrado no livro de Steven Pinker já citado. PINKER, Steven. Op. Cit. p. 440. Atila Iamarino, Doutor em Microbiologia pela USP, também apresenta, aos 31 minutos de entrevista ao programa de internet “nerdcast”, esse mesmo exercício ao ser questionado sobre o surgimento de emoções complexas no ser humano. A entrevista está disponível em <<http://jovemnerd.com.br/nerdcast/nerdcast-302-notas-mentais-sobre-neurociencia/>>. Acessado em 24 de jan. de 2014. Numa comparação com um inquilino que procura apartamento, a revista superinteressante também apresenta exercício similar para explicar a paixão e seus sintomas físicos. Disponível em <[http://super.abril.com.br/ciencia/par-perfeito-447841.shtml?utm\\_source=redesabril\\_jovem&utm\\_medium=facebook&utm\\_campaign=redesabril\\_super](http://super.abril.com.br/ciencia/par-perfeito-447841.shtml?utm_source=redesabril_jovem&utm_medium=facebook&utm_campaign=redesabril_super)>. Acessado em: 24 de jan. de 2014.

47 PINKER, Steven. Op. Cit. p. 421.

Quando um indivíduo é capaz de prejudicar-se em função de um benefício ao outro, este altruísmo pode ser identificado como amor, caso ocorra entre indivíduos aparentados. O prejudicado será beneficiado ao ajudar alguém que lhe é geneticamente próximo ou tenha interesses genéticos similares, como os cônjuges que querem defender sua prole.

O que definiria então a durabilidade do amor seria a manutenção da identificação de interesses genéticos. Se a identificação acaba, se não há prole. O sentimento de amor entre cônjuges termina.

Temos então aqui uma definição mais clara do que seria amor e paixão para a psicologia evolutiva.

A paixão, ou o “amor romântico” na distinção feita por Pinker, é uma emoção que compromete uma pessoa a estar com outra independentemente de motivos racionais. Ela mantém a união pelo tempo necessário à gravidez. Ela é uma emoção forte e avassaladora, ligada ao corpo e ao sexo, capaz de provocar taquicardia, falta de ar, dificuldade de concentração e outros sintomas físicos custosos ao indivíduo apaixonado.

A sociedade, assim como o corpo, também cria custos para a manifestação da paixão ou do “amor romântico”. Pessoas não são sozinhas. Criar laço com alguém significa criar laço com todos os seus relativos. Relacionamentos que surgem no calor da paixão podem não ser bem sucedidos ou não ser tão proveitosos do ponto de vista político e econômico, portanto, a sociedade os tentará frear.

“Calotes em acordos de casamento são uma causa importantíssima de rixas e guerras em sociedades tradicionais. Com tanto em jogo, não admira que a geração dos pais sempre ensine que o amor romântico é fútil ou absolutamente inexistente. Os intelectuais que concluem que o amor romântico é uma invenção recente de trovadores medievais ou de roteiristas de Hollywood interpretaram ao pé da letra essa propaganda do *establishment*.”<sup>48</sup>

O amor, em contrapartida, está mais relacionado aos laços de parentesco. Mesmo laços de parentesco fictícios, como é o caso dos cônjuges. O amor tem por finalidade manter os laços de auxílio mútuo entre indivíduos. Ajudamos quem amamos e esperamos o mesmo em troca, ainda que possamos dizer o oposto. E, mesmo que não recebamos benefício algum em troca de nossos atos, sabemos que ao se tratar de parentes existe um benefício genético em continuar ajudando, ou seja, em continuar amando.

“Os biólogos denominam altruísmo o comportamento de um animal para beneficiar outro animal em detrimento de si mesmo. Quando o altruísmo evolui

---

48 Idem. Ibidem. p. 460.

porque o altruísta é aparentado com o beneficiário, de modo que o gene causador do altruísmo beneficia a si mesmo, o termo empregado é seleção por parentesco. Mas, quando examinamos a psicologia do animal que assim se comporta, podemos dar outro nome ao fenômeno: amor.”<sup>49</sup>

Partindo dessa definição de amor, não é difícil entender porque de muitas pessoas compreenderem a caridade como gesto de amor. E a sociedade feudal é cheia de caridade. Deus é caridoso para com o homem. O senhor é caridoso com seus servos ao dar proteção a eles. Os clérigos exercem caridade orando pela salvação do próximo. Oferecer auxílio material a um pobre ou a igreja é um ato de caridade.

“A caridade convida, então, a dar de maneira desinteressada, unicamente pelo amor do outro e de Deus, sem esperar do beneficiário nenhum contradom. Aqui, a moral cristã e ética aristocrática convergem parcialmente e, como se viu, mesmo o empréstimo pode ser pensado como um dom gratuito sem espera de retorno, mesmo se *de facto* ele é seguido de um outro dom gratuito, sensivelmente aumentado. A cristandade repousa sobre uma rejeição explícita da lógica do dom e contradom e constitui-se, ao contrário, como um sistema de circulação generalizada, no qual cada um deve dar sem esperar retorno e pode, por isso mesmo, receber sem ter dado”<sup>50</sup>

Seguindo a lógica de Baschet sobre como a caridade fundamenta a sociedade feudal, talvez seja possível pensar que na verdade o seu fundamento é o amor. O que o cristianismo traz é a noção de irmandade entre os homens e a de filiação destes com Deus. Somos todos filhos de Deus e, portanto, irmãos. A criação desse laço de parentesco fictício estabelece a existência de relativa igualdade entre os homens e um interesse comum, a salvação da alma.

O interesse em salvar a alma funciona como o interesse genético em reproduzir os genes. Ele une um grupo da mesma maneira que o interesse genético une parentes. Ser caridoso, neste sentido, não é um ato desinteressado como faziam acreditar os clérigos, mas sim um ato de interesse na própria salvação eterna. Porém, era a exploração desse interesse na salvação que garantia um sistema de circulação generalizada e, com isso, a estabilidade da ordem político, social e econômica.

Para além do laço de parentesco fictício entre Deus e os homens, temos o contrato de vassalagem. A vassalagem também é um laço fictício criado pela imaginativa mente humana para dar maior estabilidade e rigidez à sociedade.

“pode-se entender por feudalidade um tipo de sociedade baseado numa organização muito particular das relações entre homens: laços de dependência de homem para homem estabelecendo uma hierarquia entre os indivíduos. Um homem, o vassalo, confia-se a outro homem, que escolhe para seu amo, e que aceita esta

---

49 Idem. Ibidem. p. 421.

50 BASCHET, Jérôme. Op. Cit. p. 478.

entrega voluntária. O vassalo deve ao amo fidelidade, conselho, ajuda militar e material. O amo, o senhor, deve ao seu vassalo fidelidade, proteção, sustento.”<sup>51</sup>

É interessante notar que aquilo que é esperado pelo senhor e o esperado pelo vassalo são expectativas similares às criadas entre parentes. Confiança, lealdade, fidelidade, conselho, proteção e, até mesmo, sustento. A diferença está no grau de comprometimento existente entre as partes. No caso de vassalo e senhor, muitas vezes acontecia de uma das partes ou ambas não cumprirem aquilo que estava acordado e, então, o laço era desfeito. O mesmo pode acontecer entre parentes, porém, é menos provável uma vez que o elo do interesse genético pode ser muito mais forte que uma construção ideológica.

Existe muita emoção envolvida nas relações familiares. Não é impossível que também ocorra manifestação de fortes emoções e sentimentos reais entre o senhor e seu vassalo, porém, como na maior parte das vezes o contrato de vassalagem se dá por interesses materiais e não por envolvimento emocional prévio, o mais provável é que os rompimentos aqui fossem mais comuns. Por isso a necessidade de se construir uma lógica que busque agregar emoções nessa relação, para que ela não termine facilmente e a ordem hierárquica permaneça intacta.

O sentimento esperado e o laço que se buscava compor entre senhor e vassalo era de amizade. E aqui, mais uma vez, partindo do sentido de altruísmo interessado que a biologia confere ao amor, percebe-se outra forma de amor, esperado que houvesse entre os homens, a amizade.

“Desejar o bem do outro mais que o seu próprio, era isso que o senhor esperava de seu homem. Evidentemente – basta reler os poemas e os romances para convencer-se disso – o modelo da relação amorosa foi a amizade. Viril”<sup>52</sup>

Se as relações amorosas entre homens e mulheres tinham, de fato, como modelo as relações entre os homens, vassalo e suserano, é difícil dizer. Pode, muito bem, ser que as relações entre os homens é que tenham se espelhado nas relações amorosas. Ou ainda, que ambos os relacionamentos tenham se desenvolvido juntos, ganhando força à medida que determinadas formas de pensar o mundo surgiam. Porém, uma coisa é certa. O amor entre homem e mulher não existia dentro do casamento, ou era assim que se queria que as pessoas pensassem.

O casamento durante muitos séculos havia se tornado uma instituição com fins políticos e econômicos que poderia ser desfeita a qualquer momento, por motivações

51 FOURQUIN, Guy. *Senhorio e Feudalidade na idade média*. Lisboa: Edições 70, p. 11.

52 DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*. p. 65.

diversas. A partir do período carolíngio, contudo, quando as ideias cristãs ganham maior legitimidade e força de lei tentasse trazer o amor de volta para esse meio.

O amor que a igreja prega que deve existir entre aqueles que contraem matrimônio não é, no entanto, o “amor romântico”, não é a paixão. Pelo menos não se tomamos por verdadeiro o conceito biológico de amor e paixão. Neste, o conceito de amor e paixão está diretamente relacionado ao sexo e suas consequências (a prole). A igreja busca, contudo, realizar o distanciamento entre sexo e amor. O amor do casal deve ser, portanto, como um amor de irmãos e o sexo direcionado unicamente para a reprodução física da sociedade.

“Resulta disso uma concepção ambígua, na qual o casamento e a reprodução sexuada são, ao mesmo tempo, depreciados em relação à castidade e, todavia, aceitos sob a condição de serem controlados e associados a um laço espiritual. Isso leva a desenvolver um modelo de casamento que impõe, a um só tempo, a monogamia, a indissolubilidade (já afirmada em Mat 19, 4-6) e uma exogamia muito mais forte que em Roma, mas que se impõe progressivamente na prática.”<sup>53</sup>

Não há espaço para as manifestações físicas do desejo, para a paixão, para o amor e para sedução. À medida que o casamento ganha força como instituição, não apenas jurídica, mas também espiritual, sagrada e eterna. Homens e mulheres se veem empurrados a manifestar seus desejos, fetiches, paixões e jogos dentro de outra esfera. A esfera do amor cortês ou do *fine amour*.

#### AMOR CORTÊS, *FINE AMOUR*, AMOR DELICADO

O “amor cortês” ou “*fine amour*” são termos, comumente, usados para designar uma forma de literatura que ganha força entre os séculos XI e XIV no ocidente medieval.

“Fala-se de “amor cortesão” – de fine amor – em primeiro lugar para a abundante produção de poemas de amor nos domínios da língua d’oc e d’oïl, e depois para as intrigas romanescas, de que a França do norte deixou florescer a produção.”<sup>54</sup>

Neste lugar e período da História, o ocidente europeu dos séculos XI ao XIV, houve um momento de relativa paz, com o deslocamento dos conflitos para fora do mundo cristão, direcionados, agora, contra os hereges. Decorre disto, crescimento econômico e demográfico. Um período de estabilidade, reforçado pela força da ideologia cristã e da teoria das três ordens. Essa estabilidade relativa e o crescimento econômico abrem espaço para o surgimento de um foco cultural, o castelo senhorial, “onde o senhor e os camponeses afirmavam a sua

53 BASCHET, Jérôme. Op. Cit. p. 449.

54 RÉGNIER-BOHLER, Danielle. *Amor cortesão*. IN.: LE GOFF, Jacques. *Dicionário Temático do Ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002 p. 47.

identidade em relação ao clero, havendo aí um nascimento ou renascimento de uma cultura popular”<sup>55</sup>.

É no contexto do castelo medieval e das cortes principescas que aparecerá uma imensidão de poemas, canções, tratados e textos que terão como temática o amor, a paixão e o desejo. Afinal, também é desse ambiente de corte que irão aflorar muitos jovens em busca de companheiras, seja para a vida, para a noite ou para acalentar o espírito carente.

“As severas restrições à nupcialidade dos rapazes multiplicavam, com efeito, nesse meio social, os homens não casados ciumentos dos que tinham uma esposa no leito, frustrados. Não evoco as frustrações sexuais – elas encontram com facilidade formas de extravasamento. Evoco a esperança obsedante de se apossar de uma companheira legítima.”<sup>56</sup>

Como somente ao primogênito das famílias é dado o direito de acesso à herança e ao casamento, muitos são os jovens que ficam lançados à aventura. Lançando-se, então, às cruzadas, à peregrinação ou a vida de cantores, poetas e artistas itinerantes. Da imaginação e das experiências de vida destes aventureiros é que se tornam palpáveis, através do registro escrito e oral das canções, poemas e romances, os sentimentos e emoções vividos pelo homem medieval.

Os trovadores, os poetas, os cantores e os romancistas medievais serviram de veículo para disseminar os valores e conceitos de um grupo, a nobreza ou aristocracia. É importante lembrar que esses homens eram pertencentes à elite daquela sociedade e que, mesmo os que não eram originários da aristocracia, circulavam nesse meio e compartilhavam, ao menos em parte, das ideias e dos valores ligados à cavalaria e aos cavaleiros.

Os valores, as ideias e o comportamento dos nobres e cavaleiros eram o que os distinguia de outros grupos e de outros homens. A exaltação disso era essencial para a identificação e manutenção do poder da aristocracia. Assim sendo, qualquer manifestação cultural que exaltasse a forma de ser dos nobres e cavaleiros seria estimulada por eles. Isso é o que acontecia com o amor cortês.

O amor cortês ao mesmo tempo em que servia para registrar e anunciar sentimentos e emoções reprimidas, também servia para registrar, anunciar e enaltecer a nobreza e os cavaleiros. Por isso,

---

55 LE GOFF, Jacques. Op. Cit. p. 93.

56 DUBY, Georges. *Idade média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*. p (62).

“Quando a “vida” de um trovador tornava-se notável e apta a servir de exemplum relacionado à cortesia ou a qualquer outro aspecto trovadoresco, ela transformava-se em uma narrativa que em alguns casos não tardava em adquirir dimensões lendárias.”<sup>57</sup>

Nessas narrativas do amor cortês estão presentes, com pouca variação, os mesmos elementos: Um amador, uma mulher inatingível, um marido ciumento e um grupo de delatores do amor proibido.

O homem tenta, nessas histórias, convencer a dama e demonstrar a ela todo o amor que sente através de palavras e gestos. Ele se coloca a serviço dessa mulher, como um vassalo se coloca a serviço de seu senhor.

Por sua vez, a mulher, geralmente casada, deve resistir o máximo as investidas do amador. Porém, ao mesmo tempo, deve recompensá-lo em seu esforço, ensinando o homem a ser forte e resistir às tentações.

Entre o amador e a dama se encontram duas barreiras que dão o tom trágico a narrativa. A primeira é o marido da dama e a outra barreira é o grupo que os cerca e que pode fazer chegar ao ouvido do marido os sentimentos e emoções que afloram entre sua mulher e outro homem. A morte, geralmente, é o desfecho esperado para o amador quando o conflito com o marido de sua dama se torna inevitável dado à descoberta da traição.

O risco que o homem assume ao decidir revelar seus sentimentos e se colocar em serviço da dama é alto. O preço pago pode ser a própria vida do amador. Mas, levando em consideração o risco que amador corre, o que torna essa empreitada tão valorosa? Vale, realmente, a pena arriscar a própria vida por esse amor?

Do ponto de vista evolutivo talvez seja, de fato, benéfico para um homem correr tal risco. Muitas espécies animais morrem logo após a cópula, ou mesmo durante a cópula. Se um mecanismo psicológico, como a paixão, leva um homem a enfrentar as barreiras sociais para obter o sexo de uma mulher que ele considera como sendo de alto valor reprodutivo, esse mecanismo (caso o objetivo fosse alcançado) teria sucesso e se espalharia na população.

Na Idade média, porém, nem sempre o homem alcançava o objetivo sexual de sua empreitada. Muitas vezes, a julgar pela literatura do amor cortês, o sexo nem mesmo era um objetivo em questão. Opunham-se, pelo menos, duas concepções de amor dentro da literatura cortês. “a concepção idealista de amor e o cinismo sensual”<sup>58</sup>.

---

57 BARROS, José d'Assunção de. *O amor cortês – suas origens e significados*. Raído. Dourados, MS. v.5. n.9, jan/jun.2011. p. 196.

58 Idem. Ibidem. p. 201.



O que se buscava na visão idealista de amor era, de fato, saciar as frustrações de não ter uma companheira. Por vezes, o sexo era, aqui, visto como errado, sujo, pecaminoso, impuro. A necessidade que se buscava sanar com esse tipo de amor, era a de ter um sentimento correspondido e de se sentir querido por alguém, mesmo que não fosse possível estar fisicamente juntos. A necessidade física podia ser saciada de outras formas e com outras pessoas.

Na visão mais sexualizada do amor, este não pode ser vivido de maneira que não seja com a união dos corpos. A manifestação máxima do sentimento é o sexo e a entrega total dos corpos. Esse é o objetivo a ser alcançado. Se não houver perspectiva de ganho sexual, não há por que insistir no serviço à dama. Junto dessa visão do amor, estava a concepção de relacionamentos como passíveis de serem mais curtos e numerosos. Enquanto na primeira forma de amor a durabilidade e a fidelidade do sentimento pareciam ser mais prezadas.

Independente, contudo, do tipo ou forma de sentimento representado nas canções, poemas e romances medievais, possivelmente, todos continham como elementos a exaltação não apenas do amor, mas também da glória, da conquista, da riqueza, da ostentação, da humildade, da bondade e de muitos outros valores ligados à cavalaria e à nobreza.

A existência de diferentes conceitos de amor em constante conflito só evidencia o conflito de interesses existe entre os grupos, mas também entre os indivíduos e entre estes com os grupos.

O amor idealizado atendia tanto aos interesses da igreja e das famílias em manter alguns jovens dentro do celibato, como atendia o interesse do próprio autor do conceito em se livrar das frustrações causadas pela solidão.

O amor sensual atendia aos interesses (físicos, psicológico e genético) do próprio indivíduo em obter prazer sexual (questão reprodutiva) e atendia a necessidade de criação de uma identidade de grupo para os cavaleiros e nobres, em oposição aos clérigos celibatários. Exaltavam-se as conquistas e o sexo, elementos privados aos clérigos e obtidos com dificuldade por muitos homens.

Apesar da possível existência de uma maioria feminina na população, não eram todos os homens que desfrutavam o prazer de estar com uma mulher. Não eram todos os homens da família destinados a casar. As mulheres que não conseguiam casar, geralmente, eram encaminhadas ao casamento com Cristo, ou seja, à igreja. Outra parte transformava-se em amantes, o que garantia acesso a certos privilégios e bens dependendo da pessoa com a qual

---

essas mulheres exerciam esse concubinato. Não era fácil se chegar a uma mulher e havia disputa pelas melhores.

A elaboração desses conceitos auxiliaram homens e mulheres que viveram entre os séculos XI e XIV não apenas a sobreviver e reproduzir simplesmente, mas, também, a organizar e estabilizar a sociedade e outros mecanismos de sustentação da mesma, como o casamento. Os conceitos de amor elaborados nesse período foram o sustentáculo da sociedade medieval. E eles também foram, assim como muitas outras concepções e idealizações humanas, uma grande estratégia para sobreviver mantendo o maior crescimento populacional e maior harmonia possíveis.

Não é somente como estratégia de sobrevivência e desenvolvimento, contudo, que os conceitos de amor do amor cortês serviram. O amor cortês também funcionou como estratégia de sedução e arma na guerra pelo corpo feminino.

## ESTRATÉGIAS PARA AMAR E PARA ATRAIR O AMOR

### SEDUÇÃO

“É curioso notar, todavia, que no Brasil, quando alguém procura seduzir ou namorar a outrem, diz-se que ele está ‘arrastando a asa’, numa referência, por analogia, à dança erótica das aves como o peru, o galo, o pavão. E por não ser apenas uma figura de retórica, o arrastar a asa deve ser considerado como uma daquelas técnicas do corpo com que o homem simboliza e exprime sua personalidade, seus sentimentos, seus estados emocionais e até suas ideias. No caso presente, os mecanismos a que recorrem os pretendentes incluem a exibição recíproca de atributos e sinais de status, de qualidades pessoais e estados de emoção, de disposições psicológicas, de gostos, de maneiras que são análogas aos que as aves e outro animais utilizam em situações idênticas, no cio; as expressões faciais e corpóreas, o penteado, os gestos, o ritmo e o estilo da marcha, da postura, do sentar-se, assim como os elementos artificiais acrescentados – a pintura facial, o vestuário, os perfumes, os adornos -, são equivalentes culturais, todos eles, da plumagem, dos odores secretados pelo organismo nos períodos do cio, da movimentação corpórea, do arranjo proxêmico da díade amorosa animal.”<sup>59</sup>

Personalidade, sentimentos, emoções são todas adaptações usadas para atrair outros indivíduos, ou seja, para seduzir. A sedução é a capacidade que um ser possui de atrair seus pares. Ela serve para atrair aliados, amigos, companheiros e auxiliares. No que diz respeito à formação de pares sexuais, os seres humanos desenvolveram ao longo de milhões de anos, através da seleção sexual, características físicas que visam atrair um parceiro, chamar atenção do sexo oposto.

Através da seleção sexual o pavão macho, por exemplo, desenvolveu sua bela calda. Somente o pavão com a cauda mais bela e bem cuidada conseguia atrair uma fêmea para com ela manter relações. A calda do pavão sinalizava para as fêmeas que aquele era um bom partido, um pavão saudável. De maneira similar o homem desenvolveu determinadas características físicas que tem o propósito maior de anunciar sua aptidão para a fêmea e, da mesma maneira, a mulher desenvolveu características físicas que tem por objetivo anunciar sua aptidão para o homem.

No caso específico da espécie humana, o maior anunciador de aptidão não é um órgão visível, mas ainda assim é um órgão que extrai grande quantidade de energia do corpo, assim como a calda do pavão. Trata-se do nosso cérebro. O nosso cérebro é responsável pelo controle de todo o corpo, por nosso comportamento e pensamento. É exatamente através da linguagem e do comportamento que o ser humano identifica quem são os melhores parceiros sexuais.

---

59 AZEVEDO, Thales de. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Editora Ática, 1986. p. 10/11.

A parte física da geração de atração não fica de lado. Continuamos selecionando a “calda mais bonita” na busca do parceiro. Mas ser o número mais elevado não se trata apenas de ter a aparência melhor que a dos outros. Se tomarmos nossos sentidos, podemos pensar que, ao menos, durante o período pleistocênico atrair um parceiro envolvia a visão, através da visão você pode identificar traços que apontem deficiências físicas e o estado de saúde do pretendente, e o olfato denuncia as transformações hormonais que acontecem no corpo do indivíduo e estas, suas intenções. Mas para chegar ao contato pelo tato e paladar, somente passando primeiro pelo crivo da audição.

Entre homens e mulheres dificilmente acontece o intercuro sexual sem que se troquem antes algumas palavras. A visão consegue denunciar além da saúde física, uma parte da saúde mental, mas é através da linguagem que se pode ter uma noção mais ampla do quadro.

O cérebro humano nos deu a incrível capacidade para elaborar pensamentos complexos e uma forma de comunicação que nos garantiu muito mais que apenas a sobrevivência. Através do desenvolvimento da linguagem começamos a transmitir nossos pensamentos e formar a partir de nossas ideias realidades imaginárias que levaram a expansão de nossas populações. E, talvez, um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento desse órgão tenha sido a seleção sexual das espécies.

Durante determinado tempo todo o esforço de sedução, ou seja, o esforço necessário para gerar atração em outro ser da mesma espécie, concentrava-se quase exclusivamente no plano físico, no desenvolvimento do corpo. A partir do momento que o ser humano começa a formular ideias mais complexas e compor, em sua mente, realidades imaginárias, essas histórias que ele cria em seu cérebro é que passaram a ser parte principal de seu esforço de sedução, ou melhor, de sua estratégia de sedução.

Uma estratégia de sedução é um conjunto de comportamentos adotados para atrair um parceiro. E esse conjunto de comportamentos pode incluir, dentre outras coisas, a adoção ou criação de uma determinada forma de pensar, ou seja, a adoção ou a criação de um determinado tipo de ideologia.

O amor cortês pode ter sido uma estratégia de sedução nesse sentido. Os conceitos de amor e sexo criados dentro desse universo podem ter sido, para muitos homens da idade média, uma forma de demonstrar para si mesmos e para o seu grupo que eram pessoas de elevado valor, mesmo que estivessem caminhando em sentido contrário a ordem social. O amor cortês funcionou para alguns como a calda do pavão, atraindo atenção das mulheres e de aliados com ideias semelhantes e simulando sinais de prestígio, riqueza e poder através da adoção de comportamentos e discursos específicos.

A concepção cristã de mundo possibilitou que valores como, honra, fidelidade, lealdade, humildade, bondade e outros, se colocassem no mesmo nível dos tradicionais meios de diferenciação social, riqueza material, poder, força e cultura. A reelaboração do conceito de amor que a partir do século X começa a ganhar força ajuda os membros de um grupo social, ligado à elite e prejudicado na busca de parceiras sexuais pela nova concepção de casamento, a se igualarem na competição pelo coração e corpo de damas forçadas a casamentos infelizes.

O amor cortês, como fenômeno literário, foi a representação e o registro da mudança de pensamento que alterou as formas de se entender as emoções, os relacionamentos e as estruturas mentais que fundamentavam aquela sociedade. O que não quer dizer que elas tenham, de fato, mudado a realidade. O que se modificou foram as ideias, os pensamentos, os conceitos. As emoções e sentimentos em jogo no relacionamento afetivo-sexual continuaram os mesmos de nossos ancestrais que, por sua vez, parecem ser os mesmos que temos hoje.

As alterações no meio social, ao criarem novos empecilhos e barreiras para que os encontros amorosos acontecessem, geravam inumeráveis conflitos internos nos indivíduos, como a literatura cortês, com todas as histórias de exageros e loucuras de ação e sentimento, mostra muito bem.

#### TRATADO DO AMOR CORTÊS

“É verdade que, durante a Alta Idade Média e até o século XI, a escrita tem apenas um lugar restrito na sociedade. A manutenção da escrita é, então, uma exclusividade dos clérigos, a tal ponto que a oposição entre letrados (*litterati*) e iletrados (*illitterati*) recorta exatamente a divisão entre clérigos e laicos.”<sup>60</sup>

A partir do século XII, contudo, a questão do domínio sobre a linguagem escrita começa a se modificar e os laicos passam a ter maior acesso a ela. Possuir livros ou ter acesso ao saber escrito passa ser considerado sinônimo de riqueza e poder, assim como realizar registros escritos. Através do auxílio de membros do clero, dominadores até então da escrita, a cultura oral desenvolvida na corte começa a ser colocada no papel. Poemas e canções começam a ser registradas por escrito.

A produção literária deixa, então, de ser exclusiva ao clero e inicia-se um processo de produção literária voltada para os laicos. Essa produção que surge tem, principalmente, o objetivo de educar e ensinar aos homens a palavra divina. Porém, essa “palavra divina” que se busca ensinar fala sobre muitas coisas, dentre elas, os relacionamentos. E é visando educar e ensinar os homens sobre os benefícios e malefícios do envolvimento entre homens e mulheres

---

60 BASCHET, Jérôme. Op. Cit. p. 181.

que surgiram inúmeras obras abordando o amor e a paixão, muitas vezes produzida por membros do próprio clero.

Uma obra exemplar desse tipo e, talvez, uma das obras de maior importância e relevância nesse sentido para o período é o *Tratado do Amor Cortês* escrita em fins do século XII por André Capelão.

Um Capelão é aquele que presta serviço religioso e cuida de uma Capela, ou seja, alguém responsável por uma pequena igreja dentro de uma área particular ou ligada a uma instituição<sup>61</sup>. Aparentemente, essa era a função do autor de nosso tratado, um capelão, mais especificamente, capelão do rei da França<sup>62</sup>.

André Capelão era, portanto e muito provavelmente, um clérigo. Ele escreve o *Tratado do Amor Cortês* que foi “renomeado”, por exemplo, como “The Art of courtly copulation [a arte da cópula cortês]” por Betsy Bowden, apontado para o caráter sexual da obra. Qual seria a intenção de um clérigo em escrever uma obra com tal caráter?

Segundo o próprio autor, sua intenção ao escrever a obra era de que ela viesse a se tornar um manual para aqueles afligidos pelo sentimento incontrolável do amor e da paixão. Um manual para que se saiba, exatamente, como obter o amor e como resistir a ele. Esse manual é especialmente dedicado a Gautier, um amigo “novato em Amor”.

“A força de indefectível afeição que sinto por ti, meu venerável amigo Gautier, insta-me a levar a teu conhecimento, de viva voz, e a te ensinar por escrito o modo como dois amantes podem preservar a integridade de seu amor bem como os meios pelos quais os que não são amados podem libertar-se das flechas que Vênus lhes enterrou no coração.”<sup>63</sup>

Apesar da incerteza a cerca da identidade de Gautier, certo é que se trata de um homem da nobreza, a julgar pelo próprio tratamento que o autor lhe confere. É importante salientar isto para que se perceba o público ao qual a obra se destina. Independentemente de Gautier existir ou de se saber quem ele era, a obra é dedicada aos homens ligados à nobreza.

---

61 A definição de “Capelão” é baseada em matéria da revista *Mundo Estranho*, disponível em <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/qual-e-a-diferenca-entre-padre-bispo-e-capelao>>. Acessado em 18 de jan. de 2014.

62 BURIDANT, Claude. Introdução. IN.: CAPELÃO, André. *Tratado do amor cortês*. São Paulo. Martins Fontes, 2000. P. XXIV.

63 CAPELÃO, André. *Tratado do Amor Cortês*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. P. 01.

Não se trata de educar a todos os filhos de Deus, mas somente os melhores exemplares do sexo masculino, os homens da nobreza. Excluem-se as mulheres e os pobres no geral.

André Capelão está preocupado em educar os homens na arte de amar, esse é o objetivo central do livro. Essa proposta é totalmente coerente com o contexto da época. Onde a igreja tenta a todo custo disciplinar as relações e cerceá-las no casamento.

O Tratado do Amor cortês é um manual de regras e um registro dos saberes dos homens sobre quando, como e quais mulheres seduzir ou se deixar seduzir. Os jogos de amor, a sedução, os poemas, as canções, tudo isso já existia quando ele escreveu o livro. O que ele fez foi registrar a visão que mais lhe agradava, aquela que ele considerava a correta, o modo mais certo de errar. Conhecendo como se faz, pode-se escolher não fazer e pode-se ainda resistir melhor quando a arte da sedução for usada contra você. Essa era a lógica que levava um clérigo a escrever um manual de “manobras de sedução”<sup>64</sup>

“Com base nos teus conhecimentos sobre o amor e instruído na maneira de seduzir as mulheres, poderás abster-te dessa arte da sedução para obteres a recompensa eterna e mereceres ser honrado com as maiores dádivas de Deus. Pois agrada mais a Deus aquele a quem foi dada a possibilidade de pecar e não a usa do que aquele a quem ela não foi dada.”<sup>65</sup>

A visão de amor e da forma como homens e mulheres devem se ver e se tratar, estabelecida na obra de André, é a visão de amor que atende aos propósitos da igreja sem deixar de atender as necessidades psicológicas dos solteiros apaixonados e dos casados em manter suas damas seguras, pois ao mesmo tempo em que o Tratado do Amor cortês exalta o amor físico também o proíbe, abrindo espaço apenas ao contentamento emocional.

Não há contradições na obra. Ela representa a mistura entre os conceitos de amor elaborados pela doutrina cristã, relacionados à caridade e ao amor ao próximo e onde o sexo não tem espaço, e o conceito de relacionamento que surge em oposição ao casamento cristão, onde o sexo é tudo e as paixões precisam ser vividas a qualquer custo.

André Capelão une duas ideias, dois conceitos. Ele reconhece o amor como algo físico, relacionado aos sentidos, principalmente à visão.

“Amor é uma paixão natural que nasce da visão da beleza do outro sexo e da lembrança obsedante dessa beleza. Passamos a desejar, acima de tudo, estar nos braços do outro e a desejar que, nesse contato, sejam respeitados por vontade comum todos os mandamentos do amor.”<sup>66</sup>

---

64 Idem. Ibidem. p. 12.

65 Idem. Ibidem. p. 267.

E quando se refere aos “mandamentos do Amor” está, claramente, falando do sexo.

“Todos os esforços de um amante só tem um objetivo, e para ele se voltam todos os seus pensamentos: estreitar o corpo daquela que ama, pois ele espera poder realizar com a bem-amada todos os mandamentos do amor, ou seja, aqueles que se encontram nos tratados sobre o assunto.”<sup>67</sup>

Mas para se alcançar o objetivo é preciso ter um comportamento concordante com a ética e a moral cristã. É preciso amar não apenas a dama, mas também, amar ao próximo e ser generoso com ele. Para ser amado é preciso amar e, mais uma vez, se vê o sistema de troca (quase nunca equivalente) que sustenta a sociedade feudal se impondo aos relacionamentos amorosos. É preciso dar para receber.

“Nada pode ser mais glorioso num amante do que ser considerado generoso, pois todas as virtudes de um homem nada serão se a eles estiver misturada a avareza, e no homem que ostente a bela virtude de generosidade serão desculpados os maiores vícios. Ademais, se o amante tiver qualidades que o tornem apto à guerra, deverá agir de tal maneira que sua coragem seja conhecida por todos, pois as virtudes de um homem que se mostre tímido em combate serão muito diminuídas. O amante também deve sempre oferecer seus serviços de bom grado a todas as damas e prestar-lhes obediência, e precisa ostentar as virtudes da humildade, extirpando radicalmente o orgulho que tenha em si”<sup>68</sup>

Generosidade, humildade, obediência e coragem são exemplos de valores descritos na obra de André Capelão e, também, são uma mistura de valores existentes no cristianismo e na cavalaria. O autor sintetiza os valores e comportamentos que fundamentam os melhores grupos e indivíduos e ao mesmo tempo cria uma nova pedagogia baseada na prática.

A maior parte das obras ligadas ao amor cortês era baseada em fatos da vida dos próprios cantores e trovadores. A vida dos homens e suas aventuras eram contadas nos poemas, canções e romances. Apesar de pregar um aprendizado pelo exemplo, ou seja, pela observação e estudo da experiência de outros homens e de defender o uso das manobras de sedução para que se evite o pecado, o próprio autor parece ter praticado a arte cortês do amor.

“tivemos a oportunidade de falar com uma religiosa e, não ignorando a arte de cortejar os semelhantes, pusemos em nossas palavras uma eloquência tão hábil que a levamos a consentir com nossos desejos.”<sup>69</sup>

---

66 Idem. Ibidem. p. 01/02.

67 Idem. Ibidem. p. 09.

68 Idem. Ibidem. p. 212/213.

69 Idem. Ibidem. p. 197.



Usando-se daquilo que ele chama de “arte de cortejar”, André Capelão aparenta acreditar ser capaz de fazer qualquer mulher, até mesmo uma religiosa, consentir com seus desejos. E o que ele nos apresenta não é um exemplo fictício ou retirado da vida de outros, mas sim uma vivência pessoal, talvez realizada mesmo como uma espécie de experimento, um teste prático para seus saberes teóricos<sup>70</sup>.

“E embora nos considerássemos exímios na técnica do amor e instruídos nos remédios que podem libertar-nos, foi com grande dificuldade que escapamos das ciladas pestilenciais que nos atraíam para aquela religiosa e nos afastamos sem a macula do contato carnal.”<sup>71</sup>

Para servir de exemplo aos leitores o próprio autor da obra busca as situações que podem propiciá-lo testar suas teorias. Vivenciar certas aventuras amorosas e praticar a arte da sedução para além apenas de seu estudo são atitudes que garantem ao indivíduo a melhor apreensão dos costumes da sociedade em que ele vive, ou melhor, do grupo com o qual ele deseja se relacionar.

A arte da sedução exige uma mudança de postura e de comportamento. É estudar e se esforçar para se adequar a um tipo de comportamento coerente com o comportamento daqueles indivíduos considerados como sendo, os de maior valor dentro daquela sociedade. Essa tentativa de controle do comportamento de si e do outro, essa tentativa de manipulação do meio social em favor próprio é uma atitude política, mas também é uma atitude conduzida por emoções tão incontroláveis que nem mesmo os clérigos são capazes de superá-las e se manter no celibato total.

“No entanto, não há, por assim dizer, ninguém que passe a vida sem cometer o pecado da carne”<sup>72</sup>

Sendo a paixão e o amor algo inevitável e incontrolável, como o próprio autor aponta, sua obra acaba por estimular a busca do amor, do amor físico, e o uso de manobras de

---

70 Pode ser também que André Capelão contasse com a ajuda de não sendo, desta maneira, ele próprio a realizar a sedução da religiosa em questão, mas alguém a seu serviço e seguindo suas instruções. O que justificaria o uso da primeira pessoa do plural neste ponto do texto. Ele tenta se eximir da culpa, sem se excluir do processo de sedução colocado então em prática.

71 Idem. Ibidem. p. 198.

72 Idem. Ibidem. p. 196.

sedução específicas nessa busca. As manobras por ele colocadas em seu livro consistem em atitudes, gesto, falas e comportamentos no geral, que são coerentes, ao menos em parte, com a doutrina cristã. A parte que não concorda, basta colocá-la em seu devido lugar, escondida.

“Quem desejar manter o amor intacto por muito tempo deverá cuidar, antes de tudo, para que ele não seja divulgado e mantê-lo oculto dos olhos de todos.”<sup>73</sup>

Suas manobras querem manter os homens sobre controle. Fazer com que eles evitem atitudes exageradas e desesperadas em prol de amores. Assim, é possível fazê-los viver o amor sem deixar de cumprir suas funções dentro da sociedade, seja como clérigos, guerreiros ou mesmo, trabalhadores. Ao mesmo tempo em que se mantém o respeito ao divino sacramento do matrimônio. A ordem é mantida.

E em que, exatamente, consistem as manobras de sedução que nosso autor busca descrever? Que tipo de estratégia é o amor cortês definido por André Capelão?

“Alguns ensinam que dispomos de cinco trunfos para nos fazermos amar: belo físico, excelente moralidade, extrema facilidade de elocução, grande riqueza e prontidão com que cedem a nossos desejos. Mas eu, por minha vez, considero que só os três primeiros meios nos permitem ganhar o amor”.<sup>74</sup>

André Capelão estabelece uma estratégia de ação para alcançar o amor que agrega três elementos: beleza física, moralidade e qualidade da expressão oral. A riqueza e poder de subjugar os outros, ou seja, o domínio sobre os homens, são elementos, segundo ele, de menor valor.

Ao retirar a riqueza e o poder do quadro dos principais elementos de distinção dos homens na disputa por mulheres, o autor tenta convencer seus leitores de que eles podem concorrer em igualdade pelo amor de suas damas, de forma relativamente independente de sua posição social. A sedução e o amor não são absolutamente dependentes da riqueza e do poder para que se façam florescer no coração de uma dama, essa é a ideia que ele deseja passar, a de que qualquer pessoa pode atrair outra, desde que adote o comportamento correto.

Um dos elementos que ele aborda como principais são os gestos de generosidade e caridade, já abordados aqui. Segundo autor qualquer atitude pública de generosidade e caridade para outrem poderia despertar a atenção da dama e fazê-la apaixonar-se pela bondade do coração do cavaleiro. É necessário, portanto, demonstrar sempre e em toda a parte a humildade, a bondade e a generosidade para com todos. As qualidades morais são

---

73 Idem. Ibidem. p. 211.

74 Idem. Ibidem. p. 16.

imprescindíveis para se gerar o amor e podem superar até mesmo a importância da beleza física e da posição social.

“Uma pessoa que se distinga pelas qualidades morais atrai o amor de quem ostenta as mesmas qualidades; pois quem é versado em amor, homem ou mulher, não rechaça um amante de físico ingrato desde que rico em qualidades.”<sup>75</sup>

Em relação à beleza física, ainda que seja menos relevante que a beleza moral, também esta exige cuidados, pois o amor é um sentimento que surge da visão do outro e da lembrança de sua beleza, como afirma o autor no princípio da obra. Manter a beleza natural é essencial ao nascimento e preservação do amor.

“Todo amante também deve usar roupas que agradem à bem-amada e cuidar comedido do físico, pois ninguém aprecia quem dispense cuidados excessivos ao corpo, e o rebuscamento exagerado só implica menoscabo para a beleza que nos foi dada pela natureza.”<sup>76</sup>

O elemento mais importante das técnicas de sedução empregadas por André Capelão parece ser, contudo, a capacidade de argumentação. É através do uso da retórica e da demonstração de uma elevada capacidade de elocução que se pode conquistar a dama. Não é sem motivo que a maior parte da obra se trata de diálogos.

São oito diálogos ao todo. Os diálogos sempre são classificados de acordo com a classe de cada indivíduo. Diálogo entre Plebeu e Plebeia, entre um plebeu e uma mulher da baixa nobreza, entre um plebeu e uma mulher da alta nobreza, entre um nobre e uma plebeia, entre um nobre e uma mulher da nobreza, entre um grande senhor e uma dama da pequena nobreza, entre um grande senhor e uma plebeia.

Cabe ressaltar aqui que, ao fazer essa divisão dos diálogos de acordo com a posição social de cada envolvido no jogo, o autor não inclui em suas análises os camponeses. Segundo ele estes são incapazes de amar segundo as normas do amor cortês e mais ainda, ao adotar o modo cortês de amar o camponês poderia querer abandonar o trabalho e mudar sua posição social. O plebeu descrito não era, portanto, um ser de posição social semelhante ao camponês mais sim, superior. A arte de amar era um modo de distinguir os homens e de manter a sociedade estável.

“Afirmamos que é perfeitamente impossível encontrar camponeses que sirvam na corte do Amor, pois eles são naturalmente levados a realizar as obras de Vênus como o cavalo e o mulo, que são ensinados pelo instinto natural. (...), não convém inicia-los na arte de amar: seria de se temer que, desejando comportar-se

---

75 Idem. Ibidem. p. 19.

76 Idem. Ibidem. p. 212.

em oposição às suas disposições inatas, eles abandonassem a cultura das ricas terras que frutificam habitualmente graças a seus esforços, e que estas se tornassem improdutivas para nós.”<sup>77</sup>

Cada diálogo busca ser uma descrição precisa do modo de agir do homem em relação à mulher. Desde a primeira abordagem até a primeira resposta positiva da dama, ou seja, até o momento em que ela deixa claro que aceita, se é que assim se pode dizer, ser cortejada. O autor racionaliza cada momento da manobra de sedução, começando pelo cumprimento a dama e pelo que pode ser dito para agradá-la nesse primeiro contato para que não ocorra o repúdio.

“Primeiramente ele a cumprimenta à sua maneira; mas uma regra geral de todos os amantes devem estar imbuídos é que, após a saudação, não devem começar a falar imediatamente de amor. (...) No início, debes falar de outros assuntos, de coisas que a façam sorrir, ou então tecer elogios a sua província natal, à sua família, ou a ela mesma. Por que a maioria das mulheres sente prazer nos elogios e acredita facilmente nos cumprimentos que lhe são feitos: as plebéias e as camponesas especialmente.”<sup>78</sup>

Os diálogos são cheios de retórica. O uso da argumentação racional parece ser para André a melhor estratégia, deixar a dama sem alternativa que não seja aceitar as investidas do “nobre” pretendente (nobre em espírito e conduta). E a fala do homem, aqui, não precisa ser uma verdade para ele, a mentira é permitida no jogo de sedução. O mais importante é a mulher acreditar na fala do cavaleiro e convencer-se de seu valor.

Ainda que seja essa a intenção, ganhar o amor da dama através do debate racional, não parece, aos fins dos debates, que o homem saia vitorioso em todas as suas argumentações. O homem, ao contrário, aparenta na maioria das vezes não conseguir tocar o coração dama.

“Seja qual for o bem que realizemos na terra, ele só nos valerá as recompensas da bem-aventurança eterna se for inspirado pelo sentimento de caridade. Por essa mesma razão, sejam quais forem meus esforços para servir ao deus do Amor em atos e obras, eles não me valerão as recompensas desse deus se não procederem dos sentimentos que tenho no coração e do impulso amoroso. Visto que, até o momento, seus dardos não me atingiram, não podeis obter o favor de ser amado por mim.”<sup>79</sup>

A ausência de sucesso imediato nos diálogos, provavelmente, serve para demonstrar as dificuldades impostas àqueles que desejam conquistar uma dama. O que pode ser um

---

77 Idem. Ibidem. p. 206/207.

78 Idem. Ibidem. p. 24.

79 Idem. Ibidem. p. 112.

elemento desencorajador para o amador. Afinal, é preciso recordar que André Capelão é, muito provavelmente, um clérigo e não seria coerente a sua função estimular qualquer forma de pecado, ainda mais o sexo, o que pode explicar sua mudança de postura na terceira parte da obra.

O insucesso pode ser também um fruto da postura que deve ser tomada pela mulher na sociedade feudal, ela deve se guardar, deve ser difícil. O que pode ser um encorajador à conquista. Percebe-se, então, que a obra, mesmo que dedicada aos homens influencia a educação da mulher também, contribuindo para que ela se torne um ser cada vez mais reservado e submisso. A ação feminina na sedução é levada ao mínimo por André Capelão, ela é passiva nesse processo.

Seguindo exemplo de Ovídio, a quem Capelão faz inúmeras referências ao longo da obra, André divide seu trabalho em três partes. As duas primeiras partes são um reflexo das duas primeiras partes da *Arte de Amar* escrita por Ovídio<sup>80</sup> ainda na Antiguidade. Na obra de Ovídio ele descreve no primeiro livro as formas de conquistar a mulher e no segundo as formas de conservá-la junto a si, exatamente o mesmo faz André Capelão em seu primeiro e segundo livro.

A grande diferença se dá em relação ao terceiro livro. Ovídio direciona seu terceiro livro as mulheres e as formas pela qual elas podem agradar os homens. Enquanto isso, André Capelão usa seu terceiro livro para alertar o mal e os perigos que a mulher representa para o homem e apresenta uma nova versão de mulher, um ser que não se deve confiar de nenhuma forma e em nenhum momento. Essa última visão de André é extremamente diferente da apontada nos dois primeiros livros, onde ele exalta a capacidade da mulher de elevar e engrandecer o homem ao levá-lo a tomar atitudes mais honradas.

Acontece que segundo o próprio André Capelão diz, não há ninguém que passe a vida sem cometer o pecado da carne, ou, pelo menos, estes devem ser poucos e, assim sendo, seu tratado se constitui em um remédio àqueles que amam ou desejam amar alguém. O desejo é tomado como algo incontrolável, mas não apenas isso, ele também é inevitável. Se não se pode evitá-lo é necessário que se saiba lidar adequadamente com ele. E se a dama é um ser tão perverso como ele aponta na terceira parte, é preciso saber escolher bem a dama. Dos males o menor.

Uma reformulação, uma revisão e adaptação da obra de Ovídio aos tempos medievais nos quais vivia André Capelão, isto é o *Tratado do amor cortês*. Expulsar o amor de dentro do

---

80 OVÍDIO. *Arte de Amar: Ars Amatoria*. São Paulo: Ars Poetica, 1992.

casamento, fazendo o casamento se tornar uma instituição que serve a propósitos unicamente políticos e econômicos não foi algo que surgiu na Idade Média, mas algo que perdurou até a Idade Média, quando o cristianismo reformula o conceito de amor.

A mudança no conceito de amor feita pela igreja expulsou por sua vez o sexo, já que o mito de criação do mundo que fundamenta a doutrina cristã está no sexo, o pecado original. Ao mesmo tempo transformou o matrimônio em uma ligação eterna e indissolúvel, ou seja, acabou com o divórcio. Para a igreja, todas as relações sexo-afetivas deveriam se realizar no casamento, sendo o sexo realizado apenas com fins a procriação.

Em algumas sociedades antigas, contudo, o sexo não era visto da mesma maneira, havia maior liberdade sexual. O casamento não era eterno, ele podia ser dissolvido de acordo com os interesses políticos e econômicos das famílias dos envolvidos. E a transmissão dos bens por herança era feita através da repartição dos bens entre todos os irmãos.

Quando os bens são transmitidos somente aos primogênitos e somente estes têm o direito de se casar, onde é que os irmãos mais novos buscarão suas relações sexuais, uma vez que essas são inevitáveis de acontecer, uma vez que não lhes é aconselhável casar e sim seguir na vida de clérigo, uma vez que o sistema de transmissão de bens força as famílias a casarem todas as mulheres, mas não todos os homens e, assim, não há solteiras disponíveis e uma vez que a sociedade valoriza a virgindade e pureza da mulher acima de tudo? Onde buscar o amor se não entre as mulheres casadas?

A grande mudança entre a obra de Capelão e a de Ovídio é que, no momento em que Capelão escreve, a maior possibilidade para se obter o amor está junto as damas da corte que são, em geral, mulheres comprometidas e que o sexo, que seria a manifestação plena do amor entre duas pessoas, é agora algo extremamente pecaminoso e errado.

As manobras de sedução a serem utilizadas, contudo, não necessitam de grandes alterações. Os elementos apontados pelos autores a serem utilizados para atrair a parceira permanecem os mesmos. Por isso André Capelão, talvez possamos dizer assim, apenas adapta ao seu tempo e lugar o método de sedução descrito por Ovídio. O que se alterou foram as formas de pensar os elementos envolvidos no processo, ou seja, os conceitos de mulher, de homem, de casamento, de amor e de paixão, foi a forma de pensar esses elementos que se alterou não o processo de atração.

Os valores se alteraram, o pensamento mudou, mas continuava sendo a partir da demonstração de valor, independente de como esse valor é conferido ao indivíduo, que se conseguia atrair a dama. O valor pode ser a riqueza, o poder, a cultura, a beleza física, ou

qualquer outro elemento, mas é sempre aquele a quem a sociedade, ou um indivíduo, confere maior valor, maior prestígio que irá gerar a atração no outro.

A Obra de André Capelão reproduz parcialmente o discurso de Ovídio, mas apresenta novos valores e comportamentos a serem utilizados pelos homens para conquistar o amor das mulheres, ou seja, para atrair o sexo oposto. Estes valores e comportamentos não são, por sua vez, utilizados apenas para a sedução das mulheres, mas podem, devem e são aplicados nas relações sociais e políticas como um todo. Assim, a prática da sedução leva ao aperfeiçoamento do homem.

Não é necessário, nem prudente, contudo, chegar a consumir o amor que se despertar, é o que nos aponta André Capelão em seu terceiro livro. Como bom religioso que é, o autor se vê obrigado a escrever uma terceira parte para convencer seu leitor a não continuar na busca pelo amor, uma vez que o amor descrito nas primeiras partes da obra é sexual. O único amor que deve, então, ser estimulado é o amor a Deus através da caridade.

São duas visões de amor que se colocam então, porém o que se deve realmente prestar atenção não é no conflito e na contradição que elas aparentam mostrar. Mas sim, no fato de que ambas as formas de amor são alcançadas pelo mesmo meio, a transformação do comportamento.

Os comportamentos, os gestos e símbolos adotados pelos grupos mais elevados na hierarquia medieval são associados a valores como coragem, generosidade, bondade e outros tantos. A grande manobra de sedução exposta consiste em se distinguir pelo modo de agir e de ser, o tratado do amor cortês é extremamente educativo neste sentido. Sua última parte, talvez seja apenas o reflexo do sofrimento do autor em suas próprias experiências e do fato dele ser um religioso.

Enfim, o Tratado do amor cortês é um registro escrito não apenas das estratégias de sedução utilizadas pelos homens. Mas também, um registro dos conceitos mais amplamente aceitos de dois grupos diferentes, a aristocracia e o clero, acerca do amor e do sexo e de como estes conceitos foram utilizados como uma espécie de estratégia de sedução coletiva.

Clero e aristocracia juntos fizeram surgir novas formas de pensar o sexo e o amor, mas o principal é que a estas formas de pensar se atribuíram valores. Pensar e agir como os membros mais elevados do clero e da aristocracia passa a agregar valor ao indivíduo que assim o faz. O próprio André Capelão vê isso e rejeita a riqueza e o poder como formas de distinção social, levando em consideração apenas a beleza física, a moral e a capacidade de elocução. Ele coloca os homens em um mesmo nível, de certa maneira.

Os novos conceitos de amor, paixão e sexo são adotados pela elite, de acordo com seus interesses, numa estratégia para se distinguir uns dos outros e ao mesmo tempo obter maiores ganhos políticos, econômicos e sexuais. Os conceitos novos auxiliavam os grupos a sobreviver e a reproduzir, da mesma maneira que auxiliavam os indivíduos.

Os conflitos e contradições no conceituar do amor apontado por vários autores são perfeitamente compreensíveis, se pensarmos que cada indivíduo é diferente do outro e tem interesses também diferentes um dos outros e que, da mesma maneira, cada grupo é distinto entre si e em seus interesses. Para cada momento há, portanto, a adoção de um conceito de amor.

Na Idade Média dois conceitos ganham força: o amor físico e outro amor não-físico, digamos assim. Mas esses conceitos podiam ser bem flexíveis e até mesmo misturar-se tornando difícil sua distinção, pois também era difícil distinguir os homens que defendiam esses conceitos e os grupos a que pertenciam. Os homens se afastavam e aproximavam constantemente em pensamentos e ações, em relações permanentes de troca não necessariamente recíproca.



## OUTROS TRATADOS E PALAVRAS FINAIS

A proposta inicial desse trabalho era de analisar, principalmente, a maneira através da qual os relacionamentos sexuais e/ou afetivos tinham princípio no período que vai do século X ao XIV. Em certa medida isto foi feito. Analisamos o processo de sedução, através do discurso de André Capelão, e o que se pode notar é que esse processo consistia na adoção de um comportamento digno da dama que se pretende, da abordagem direta à dama com elogios e palavras gentis e educadas, na adoção de uma aparência minimamente agradável e na prestação de serviços à dama.

Melhor que isso, porém, foi notarmos que em qualquer época ou lugar o pensamento humano sempre está de, alguma forma, preocupado com o sexo, em como obtê-lo e com as reações emocionais que levam a sua busca e a sua prática e as que dela derivam.

A psicologia evolutiva nos mostra que as emoções humanas são mecanismos de reação, produzidos pela seleção natural e pela seleção sexual, para nos auxiliar a resolver problemas de sobrevivência e reprodução, os quais o raciocínio lógico não dava conta de resolver sozinho. Do ponto de vista genético estamos todos adaptados para sofrer com os males da paixão, para amar alguém, para fazer amigos, para sentir ciúmes, para temer a dor e tantas outras reações emocionais. Emoção e sentimento são, de fato, incontrolláveis. Podemos aprender a controlar nossas ações, mas não podemos deixar de sentir. Algo que homens como André Capelão já haviam percebido.

O desejo sexual, essencial para que o ser humano continue a existir na face da terra, foi e sempre será objeto de questionamento para muitos homens e mulheres. Assim como a busca constante pelo sexo, pela paixão e pelo amor, independente de como são vistos por cada sociedade, eles serão discutidos. E, portanto, a sedução, que é exatamente o meio através do qual a paixão é obtida, não há amor sem atração, será alvo de discussão de muitas obras até os dias de hoje.

O *tratado do Amor Cortês* não é e nem será o primeiro ou último manual de sedução. Ele próprio faz referência à *Arte de Amar* de Ovídio, que é uma obra da antiguidade. Sören Kierkegaard escreveu no século XIX o *Diário de um sedutor*<sup>81</sup>, contando sua própria história de amor com uma jovem e o abandono da jovem noiva que se seguiu. Apesar de a obra ser um diário ele também oferece ao leitor dicas de como conquistar uma mulher.

---

81 KIERKEGAARD, Sören. *Diário de um sedutor*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

E ainda hoje podemos nos deparar com muitos exemplos de livros que se propõem a serem verdadeiros manuais de sedução e deixam claro seu objetivo, o sexo. É o caso do *Método Mystery: Manual de Artes Venusianas*<sup>82</sup> escrito em conjunto por seguidores de um, assim chamado pelo grupo, AS - artista da sedução (PUA – Pick-up artist), Erick Von Markovic, o Mystery.

Hoje, os artistas da sedução possuem fóruns na internet, grupos em redes sociais, sites, livros, oferecem palestras e se propõem a ir a festas e baladas ensinar seus alunos a prática da sedução ao vivo. Ações descritas, por exemplo, no livro *O jogo: a bíblia da sedução*<sup>83</sup> de Neil Strauss, onde o autor descreve sua jornada no mundo secreto dos artistas da sedução e em como ele mesmo se torna um dos maiores.

Esses novos artistas da sedução se utilizam de teorias como a psicologia evolutiva, usam técnicas como a programação neurolinguística e recorrem às ciências de forma geral para incrementar suas habilidades como sedutores. Mas, ainda que os mecanismos de compreensão não sejam os mesmos, os elementos necessários à sedução observados pelos novos sedutores e por André Capelão não chegam, contudo, a ser tão diferentes.

A maneira de cumprimentar, a forma de falar, o modo de vestir-se, a adoção de uma postura específica em relação à mulher e ao mundo, a mudança do pensamento e do comportamento. André Capelão, assim como outros antes e depois, percebia a importância desses elementos na sedução. Algumas ideias de Capelão estão presentes na psicologia evolutiva, porém essas ideias se explicam por caminhos diferentes, adequados aos seus momentos históricos específicos.

A reflexão e o pensamento sobre a sedução teve lugar em todos os tempos e lugares. E nessas obras sobre sedução, nestas obras que buscam ensinar os homens a amar e serem amados, que podemos perceber claramente os conflitos e disputas que envolvem os relacionamentos. Percebemos como as relações sociais, políticas e econômicas definem os padrões imaginários de relacionamento e como estas definições geram sofrimentos e dores, uma vez que nossas emoções não estão adaptadas a tantas formas diferentes de relacionamento e a tantos conceitos sobre esses relacionamentos.

---

82 *O Método Mystery: Manual de Artes Venusianas*. Disponível em <<http://www.scribd.com/doc/4023488/O-Mystery-Method-O-Manual-de-Artes-Venusianas>> Acessado em 18 de jan. de 2014.

83 STRAUSS, Neil. *O jogo: a Bíblia da sedução*. Rio de Janeiro: Editora Best-Seller, 2008.

A adoção de um determinado discurso ou ideia sobre os relacionamentos não altera as emoções que se fazem sentir pelo ser humano. Porém, o ato, em si, de adotar uma ideia pode ser uma estratégia de sedução. Um discurso ou ideia que surge dentro de uma esfera de poder, riqueza ou prestígio tem um valor diferente das outras e pode ser mais facilmente aceita exatamente por isso. Adotar um discurso pode significar ampliar o próprio valor social e, assim, atrair um número maior relacionamentos.

Seguir um discurso é, no entanto, diferente de adotá-lo. Não é por que alguém adota um discurso que irá, obrigatoriamente, segui-lo. Não é por que André Capelão defende que um homem não deve buscar os amores fáceis que ele não irá buscá-los em sua vida particular. Se descoberto seu valor social diminuiria, pois ele teria desrespeitado os códigos morais da sociedade em que vive e traído seu próprio discurso, caso contrário, nada aconteceria.

O amor cortês é um conjunto de discursos sobre o amor que reflete apenas parcialmente sua prática. Ele é o registro de uma ideia criada como forma de distinção social. Por sua vez, toda forma de distinção social adotada com o objetivo de ampliar o valor reprodutivo (o valor de atração) de um indivíduo é uma estratégia de sedução. O amor cortês pode ser adotado por qualquer membro dentro da corte, desde o plebeu até o grande senhor. Seguindo as regras do amor cortês qualquer um pode agregar a si os valores contidos nessa ideologia. O amor cortês é uma estratégia de sedução.

Por sua vez, os discursos desenvolvidos nessa época sobre o amor são um reflexo do tipo de relação social e política que fundamenta essa sociedade. O amor é pautado por uma entrega sem espera de retorno, um tipo de altruísmo. É, exatamente, esse altruísmo que fundamenta o pensamento cristão e a lógica da caridade. E, do seu lado, é o cristianismo que governa e dirige a sociedade feudal.

O amor cortês une os valores cristãos e o desejo sexual dentro de um mesmo discurso, levando aqueles que o adotam como prática e discurso a se distinguirem dos membros celibatários do clero, dos camponeses e dos novos ricos e outros indivíduos que estão ascendendo socialmente graças ao retorno do comércio.

O discurso e a prática do amor cortês funcionam como uma estratégia que atua em múltiplos sentidos. Pode-se obter, ao adotá-la, ganhos políticos, sociais, emocionais e sexuais. Sendo os dois últimos os objetivos mais evidentes. Adotar o amor cortês significa assumir uma postura nova perante o meio social, uma postura que tem por objetivo melhorar a condição de disputa do homem pelo coração e, principalmente, pelo corpo das melhores damas da sociedade.

O amor cortês, como fenômeno literário, foi uma resposta dos membros da corte aos homens de religião que tentavam impor normas demasiadamente rígidas ao seu comportamento sexual extravagante. Eles transferem então sua extravagância ao campo emocional, enfatizando sempre o fato de serem os desejos e paixões elementos incontrolláveis.

Ao mesmo tempo em que o amor cortês representava um grito de resistência do conjunto da elite medieval, ele também foi usado pelos homens do mundo medieval para conseguir ganhos políticos. Por exemplo, quando um homem seduzia uma dama para, através dela, conseguir vantagens junto a um senhor.

Muitos eram os benefícios possíveis de se tirar da adoção do modo cortês de amar. E muitos deles iam além do principal, o sexo e o amor de uma dama. Por isso, o amor cortês configura-se em um conjunto, não muito bem definido, de regras sociais que circulavam no meio da corte e que serviam a propósitos diversos. Uma estratégia não só para se amar, mas também para se viver no mundo medieval.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Thales de. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Editora Ática, 1986
- BARROS, José D'Assunção de. *A construção social da cor: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O amor cortês – suas origens e significados*. Raído. Dourados, MS. v.5. n.9, jan/jun.2011.
- BASCHET, Jérômê. *A Civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Ed. Globo, 2006.
- BURKERT, Walter. *A criação do sagrado*. Lisboa: Edições 70, 2001.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Uma Introdução à História*. São Paulo: Brasiliense. 1983.
- DARWIN, Charles. *Origem das espécies*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.
- DESMOND, Morris. *O macaco nu*. São Paulo: Circulo do livro, 1967.
- DUBY, Georges. *História Social e Ideologias das sociedades*. IN: LE GOFF, Jacques. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Guerreiros e Camponeses: os primórdios do crescimento económico europeu. Séc. VIII – XII*. Lisboa: Editora Estampa, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: Nascimento do ocidente*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- FOURQUIN, Guy. *Senhorio e Feudalidade na idade média*. Lisboa: Edições 70,
- LE GOFF, Jacques. *As Raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- LORDELO, Eulina Rocha. *A Psicologia Evolucionista e o conceito de cultura*. Estudos de Psicologia, 15(1), Janeiro-Abril/2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v15n1/08.pdf>> Acessado em 18 de jan. de 2014.
- MILLER, Geoffrey F. *A mente seletiva: como a escolha sexual influenciou a evolução da natureza humana*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.

- OLIVER, Roland. *A experiência africana: da pré-história aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- PEASE, Allan & Barbara. *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor? Uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2000.
- PINKER, Steven. *Como a mente funciona*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- ROSE, Ricardo Ernesto. *A psicologia evolutiva*. 2010. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/a-psicologia-evolutiva>> Acessado em 18 de jan. de 2014.
- RÉGNIER-BOHLER, Danielle. *Amor cortês*. IN.: LE GOFF, Jacques. *Dicionário Temático do Ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002.
- ROUGEMONT, Denis. *O amor e o ocidente*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988
- VAUCHEZ, André. *A espiritualidade da idade média ocidental – séc. VIII – XIII*. Lisboa: Editora Estampa, 1995.

## FONTES

- CAPELÃO, André. *Tratado do Amor Cortês*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- KIERKEGAARD, Sören. *Diário de um sedutor*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- OVÍDIO. *Arte de Amar: Ars Amatoria*. São Paulo: Ars Poetica, 1992.
- *O Método Mystery: Manual de Artes Venusianas*. Disponível em <<http://www.scribd.com/doc/4023488/O-Mystery-Method-O-Manual-de-Artes-Venusianas>> Acessado em 18 de jan. de 2014.
- STRAUSS, Neil. *O jogo: a Bíblia da sedução*. Rio de Janeiro: Editora Best-Seller, 2008.